

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ROBERTO LIMIA FERNANDES**

**O IMPÉRIO INCA E A ECONOMIA DA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA**

**Porto Alegre  
2010**

**ROBERTO LIMIA FERNANDES**

**O IMPÉRIO INCA E A ECONOMIA DA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Heloisa Lenz

**Porto Alegre  
2010**

**ROBERTO LIMIA FERNANDES**

**O IMPÉRIO INCA E A ECONOMIA DA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em: Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Heloisa Lenz - orientadora  
UFRGS

---

Prof. Dr. Pedro Cezar Dutra Fonseca  
UFRGS

---

Prof. Dr. Pedro Silveira Bandeira  
UFRGS

Este trabalho é dedicado à  
Ceres, meu Norte, à Paula e Arthur, meus Guias.  
Família a quem privei da convivência, e que,  
por acreditarem no meu crescimento,  
alimentaram meu espírito.  
Todo o meu amor.

À Professora Maria Heloísa Lenz  
Por todo o incentivo, apoio e orientação  
que possibilitou a realização do presente trabalho.

[...]“Porque verdadeiramente poucas nações houve no mundo, a meu ver, que tiveram melhor governo que os incas. Partido do governo, eu não aprovo cousa alguma, antes choro as extorsões, maus-tratos e as violentas mortes que os espanhóis praticaram com estes índios, obradas por sua crueldade, sem olhar sua nobreza e a virtude tão grande de sua nação, pois todos os mais destes vales já estão quase desertos, havendo sido no passado tão povoados....”

Pedro de Cieza

Crônicas do Peru – 1ª parte

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo mostrar parte da trajetória da Civilização Inca como história de importância econômica. O trato das questões culturais e econômicas do Império Inca antes da chegada dos espanhóis é foco central do trabalho. Além disso, traçamos um perfil da Coroa Espanhola, conquistadores do Império Inca, para realizar um paralelo civilizatório com o Império Inca para obter uma visão mais ampla das realidades em questão enquanto entes econômicos, dando ênfase as estruturas agrárias e as políticas mercantilista e expansionista, pois estas tem importância capital em termos de comparabilidade com a civilização andina para este trabalho. Realizamos a confrontação cultural, sócio-política e econômica das duas civilizações naquilo que achamos, poderia interessar ao esclarecimento e entendimento sobre a importância desta Civilização como expoente no cenário da América Latina. A seu tempo, os Incas foram a maior expressão civilizatória na América do Sul e, quando conquistados, seu legado foi utilizado para legitimar as ações dos conquistadores. Este reconhecimento pelos espanhóis, ainda que de conveniência, revela o valor das estruturas sociais e das relações econômicas no Império Inca.

Palavra Chave: História Econômica Antiga, História Medieval, América Latina e Caribe

Classificação JEL: N 46

## **Abstract**

This paper aims to show part of the trajectory of the Inca Civilization and his economic importance in history. The tract of cultural and economic issues of the Inca Empire before the arrival of the Spaniards is the central focus. We also outline a profile of the Spanish Crown, conquerors of the Inca Empire, to perform a parallel with the Inca civilization giving a wider view of the realities in question while economic bodies, emphasizing the agrarian structures and policies and expansionist mercantile because they have importance in terms of comparability with the Andean civilization for this work. We performed the confrontation cultural, socio-economic and political of the two civilizations in what we might be of interest to clarify and understand the importance of this Civilization as being in economic scenario in Latin America. In time, the Incas were the highest expression of civilization in South America and, when conquered, their legacy has been used to legitimize the actions of the conquerors. This recognition by the Spaniards, although convenience, reveals the value of social structures and economic relations in the Inca Empire.

Keywords: Economic History Ancient, Medieval History, Latin America and Caribbean

JEL Classification: N46



## Lista de Figuras

Figura 1- Os domínios do Império Inca.....	20
Figura 2 – A divisão das regiões andinas.....	21
Figura 3 – A estratificação social dos Incas.....	25
Figura 4 – A expansão do Império.....	27
Figura 5 – Figura esquemática de um huarohuaro.....	28
Figura 6 – Representação esquemática de um <i>patapata</i> ou andene.....	29
Figura 7 – Representação esquemática de um Ayllu.....	33
Figura 8 – O sistema redistributivo.....	37
Figura 9 – O Kipu.....	41
Figura 10 – Concha Spondylus.....	42
Figura 11 – Colar de conchas.....	42
Figura 12 – Divisão política das Colônias.....	48
Figura 13 – O Feudo <i>versus</i> O Ayllu.....	55
Figura 14 - Estrutura social - Europa feudal x Império Inca.....	57
Figura 15 – Representação alegórica do fardo do imposto.....	58
Figura 16 – A <i>Mita</i> – diversos tipos de trabalho eram executados.....	59

## **Lista de Quadros**

Quadro 1- As Linhagens de Poder.....	26
Quadro 2 – Calendário Inca.....	31
Quadro 3 – Organograma das relações sociais e econômicas do Império Inca.....	32
Quadro 4 – A construção da hierarquização através das relações de trabalho.....	35
Quadro 5 – Decréscimo da população nativa americana.....	53
Quadro 6 – Decréscimo da população andina costeira e serrana.....	54

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 - Produção De Metais Preciosos Na América - 1492 A 1800.....63

Tabela 2 – Ouro e Prata embarcados da América para a Europa, 1500 – 1800.....64

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	15
<b>2 O Império dos Filhos do Sol</b>	
2.2 O Estado Indígena e o Traço Civilizatório no Novo Mundo.....	20
2.3 Os Habitantes.....	22
2.4 Estratificação social.....	23
2.5 Linhagens de Poder.....	25
2.6 Expansão do Império.....	27
2.7 A agricultura Inca nos Andes centrais.....	28
2.8 Aspectos agrícolas – A utilização do solo.....	28
2.9 Calendário Agrícola-Religioso.....	30
2.10 A estrutura econômica do império Inca.....	31
2.11 A estrutura econômica do Tahuantinsuy - O Estado Imperial Inca e a posse da terra.....	33
2.12 Sistema Administrativo e Estrutura Social.....	34
2.13 Reciprocidade.....	36
2.14 O Sistema Redistributivo.....	36
2.15 Tributação.....	38
2.16 Os Registros Contábeis.....	40
2.17 Relações de comércio, os valores de troca e o “dinheiro primitivo”.....	42

### **3 1490 - Principais Características da Europa no Período**

3.1 América Espanhola – Descobrimento, a Conquista e o Império Colonial Espanhol.....	44
3.2 A Estrutura Político-metropolitana.....	47
3.3 A Política Colonial.....	48

### **4 A Herança da Descoberta - Reflexos da Conquista na América e na Europa, O Feudalismo Ibérico versus A Lei do Tahuantinsuy**

4.1 Políticas de organização populacional - Os impérios e a natureza de suas economias.....	51
4.2 A Ocupação da Terra.....	54
4.3 As Pirâmides Sociais e a Estratificação das Classes.....	56
4.4 Os Tributos na Europa.....	57
4.5 A Mita e a Encomienda.....	59
4.6 Os metais Precioso da América e a Europa Mercantilista.....	62

### **5 Considerações Finais.....**

### **Referências.....**

## 1 Introdução

O presente trabalho surgiu durante o período que freqüentei a disciplina de História Econômica da América Latina, onde foram discutidas as conseqüências e reflexos da conquista espanhola no continente americano. Na seqüência do curso partindo das leituras adicionais ao programa estabelecido, tornou-se tema de um seminário, a partir dos relatos encontrados no livro intitulado “*O soldado Pedro de Cieza de Leon e o Império Incaico*”.

Este livro, que coloca o Império Inca em foco, está baseado nas “*Crônicas do Peru - 1ª e 2ª parte*”, é parte dos relatos que Pedro de Cieza de Leon realizou durante o tempo que esteve na América, a saber, 17 anos.

As Crônicas do Peru<sup>1</sup> é uma obra que compreende quatro momentos, sendo a primeira parte uma síntese da geografia, dos costumes indígenas e das fundações espanholas no Peru. A segunda parte trata do senhorio dos incas yupangueis e de seus grandes feitos e do governo. A terceira parte versa sobre o descobrimento e a conquista do Peru e o quarto e último relato são as crônicas das guerras civis do Peru.

Pedro de Cieza de León nasceu entre 1518 y 1521 em Llerena (Badajoz), falecendo em 1554. Ele chegou aos quinze anos a Nova Granada, onde teve uma vida bastante agitada, participando de diferentes expedições. Além do ofício de soldado, aprendeu a registrar suas viagens com os escrivães embarcados, que perceberam a capacidade de observação e discernimento no jovem soldado. Esteve no território Inca somente três anos, de 1548 a 1550, sob a bandeira do general espanhol chamado Sebastián de Belalcazar<sup>2</sup> após voltou a Espanha. Cieza não se limitou a

---

<sup>1</sup> Pedro de Cieza de León publicou em 1553 a *Primeira parte da crônica do Peru*. Morreu ao ano seguinte deixando uma obra inédita. A segunda parte só foi publicada em 1871, *que trata do senhorio dos incas yupangueis e de seus grandes factos e gobernación*. Em 1909 publicou-se a terceira parte de suas crônicas com o título de *Terceiro livro das guerras civis do Peru, o qual se chama a guerra de Quito*.

<sup>2</sup> Ele nasceu **Sebastián Moyano**, na província de Córdoba, Espanha, entre 1479 e 1480, tomando o nome de Belalcázar como era o nome do castelo da cidade, perto de sua terra natal, em Córdoba. Segundo várias fontes, ele pode ter embarcado para o Novo Mundo com Cristóvão Colombo logo em 1498, mas Juan de Castellanos escreveu que ele matou uma mula em 1507, e fugiu da Espanha para as Antilhas devido ao medo de punição, e como chance de escapar da pobreza em que vivia. Ele entrou na Nicarágua com Francisco Hernández de Córdoba (fundador da Nicarágua) em 1524, e se tornou o primeiro prefeito da cidade de León, na Nicarágua. Permaneceu lá até 1527, quando partiu para Honduras, como resultado de disputas internas entre os governadores espanhóis. Em 1532 ele rumou para a costa do Peru, onde se uniu com a expedição de Francisco Pizarro. Em 1534, depois de ter ajudado Pizarro em batalhas contra as tribos nativas, partiu para conquistar Quito no Equador, com recursos obtidos a título de compensação das suas campanhas anteriores. Antes de conquistar Quito, a cidade mais setentrional do Império

realizar uma mera crônica dos acontecimentos, teve a consciência de historiador, muito próximo de um antropólogo, sendo considerado o primeiro cronista da América do Sul. Entre 1519 e 1540, praticamente todo território continental da América Central e América do Sul, estava em mãos dos espanhóis. Em meados do século XVI havia cerca de 100 mil europeus na América espanhola.

Com o advento da conquista espanhola na América, vários foram os documentos e relatos descobertos sobre o continente então recém descoberto com relação aos povos e civilizações estabelecidos no período pré-colombiano. Dentre os povos conquistados pelos espanhóis, merece destaque àquele que mesmo subjogado de maneira extremamente rápida, detém estrutura civilizatória comparada às mais complexas das sociedades existentes à época: Os Incas.

No segundo capítulo mostraremos a trajetória da Civilização Inca que, em um curto espaço de tempo conquistou os territórios, subjogou tribos, unificando determinados costumes para instalar o império, expandir e sofisticar o extrato social e, de maneira análoga foram conquistados pelos espanhóis: outra cultura, outros interesses com outra visão do cosmos e bem mais belicosos. O capítulo propõe-se, então, a mostrar as questões culturais e econômicas do Império Inca antes da chegada dos espanhóis, foco central do trabalho. Também outras fontes foram pesquisadas de maneira a corroborar, contrapor, detalhar, enfim, esclarecer sobre as questões econômicas de modo a possibilitar a comparação com modelos econômicos e suas doutrinas vigentes à época da conquista no continente europeu. Além disso, foram examinadas as questões culturais e civilizatórias, tendo como base de consulta as crônicas acima citadas. Sobre os relatos existentes que nos falam sobre o auge e declínio do Império Inca, torna-se mais palpável a idéia de que não houve a queda do império e sim o colapso de uma civilização. Os incas desconheciam a roda, mas construíram uma excelente rede de estradas que ligava Cuzco a todo o resto do império, cerca de 1100 léguas de estradas com aproximadamente 4,60 metros de largura. Também tinham sofisticados sistemas de aquedutos.

---

Inca, foi incendiada a mando do Inca Geral Rumiñahui. Belalcázar fundou a nova cidade de Quito, com Diego de Almagro, honrando Pizarro nomeando-a na íntegra "San Francisco de Quito". Moveu-se para o norte na atual da Colômbia em busca do El Dorado. Em 1535, ele entrou no vale do rio Cauca, fundando cidades ao sudoeste de Santiago de Cali, em 1536, e Pasto e Popayán (próximo em importância depois de Quito), em 1537. O rei concedeu Belalcázar regra da área, com o título de governador de Popayán e o título honorário de adelantado em maio 1540. Belalcázar defendeu com sucesso suas terras. Ele morreu em 1551 em Cartagena, Colômbia.

Como uma civilização que sabia da circulação da terra em torno do sol, antes de Galileu, que tinha uma expectativa de vida alta onde muitos viviam mais de cem anos, que sabidamente tinham universidades. Quem eram seus habitantes? Qual o seu grau de organização? Como pode sucumbir de maneira tão rápida? Reza a lenda que, após a conquista de Cuzco, o chefe Inca Atahualpa retirou-se para Machupicchu, que no dialeto *quéchu*a significa “Montanha Velha”, onde reuniu todo ouro e prata e, para não entregar aos espanhóis, fugiu em direção à Amazônia. Daí nasceu o mito de Eldorado, a cidade construída em ouro e prata. Mito ou realidade sabemos da existência de Machupicchu. Em 1911 o antropólogo norte-americano, Hiram Bingham, redescobriu a cidade, levado por um menino que vivia no local.

No terceiro capítulo, traçamos um perfil da Coroa Espanhola para realizar um paralelo civilizatório com o Império Inca. Lembramos que a chegada dos espanhóis ao novo mundo coloca antes de tudo um conflito sócio-cultural. E, desta maneira, para que se realizasse uma análise consistente, foi necessário uma visão mais ampla das realidades em questão. Por ser a história sócio-política da Espanha e, conseqüentemente da Europa, mais conhecida e publicada do que a das civilizações pré-colombianas foi realizado um breve relato da situação da Coroa Espanhola como ente econômico, dando ênfase a sua estrutura agrária e as políticas mercantilista e expansionista, pois estas tem importância capital em termos de comparabilidade com a civilização andina para este trabalho. Ao apresentar o Império Inca, descrevemos sua cultura e estruturas político-econômicas mais detalhadamente em virtude do pouco conhecimento ou divulgação de seus arquétipos, que somente após seu estudo e comparação, reconhecemos na confrontação com outra civilização, no caso a Espanha, ou a civilização ocidental então vigente. De forma diferente colocamos as caracterizações da Coroa Espanhola, sem deixar de descrever esta cultura, como parte da civilização ocidental, que à época dos acontecimentos achava-se, pode-se dizer, no topo civilizatório.

No quarto e último capítulo foi realizada a confrontação cultural, sócio-política e econômica das duas civilizações. Foram examinadas questões tais como: o uso da terra, a estratificação social como agente determinante de ocupação dos territórios e organização do trabalho. Também as relações de poder, tanto temporal como religioso, a realização de políticas internas ao Império Inca e as políticas de dominação estabelecidas pelos espanhóis, foram objeto de estudo e as relações econômicas existentes e implementadas após a dominação.



A história da civilização Inca é um assunto largamente estudado pelas mais diversas áreas da ciência, com inúmeros trabalhos publicados, sejam estes históricos, arqueológicos, sociológicos, assim como pesquisas de caráter antropológico que, algumas vezes, tentaram lograr um estudo com viés econômico. Este é um trabalho de história econômica, e como tal, objetiva mostrar a organização econômica de uma sociedade, assim como a interpretação da atividade econômica de uma época determinada. Para tanto, fomos buscar compreender a unidade da vida social e a íntima dependência de seus elementos.

Para a realização deste trabalho, foram pesquisadas basicamente três tipos de fontes: a) livros de história e história econômica; b) artigos e trabalhos em economia, antropologia e história; c) artigos e livros virtuais, além de sites relacionados.

A parte histórica está sobejamente contemplada pela literatura, e mesmo as doutrinas econômicas estão bem documentadas a ponto de conseguirmos traçar um paralelo histórico e econômico: objeto desta pesquisa.

Entretanto, em toda a literatura pesquisada, muito pouco encontramos em dados estatísticos ou mensurações que dariam condições analíticas, estabelecendo um diferencial na realização deste trabalho. Algumas inferências encontradas, foram dados esparsos compilados por Angus Maddison<sup>3</sup>, destacado economista britânico por seu trabalho na construção de análise de dados em seu artigo intitulado “*Contours of the World Economy and the Art of Macro-measurement 1500-2001*” para a 28ª Conferência Geral de Ruggles Lecture, IARIW - International Association for Research in Income and Wealth ocorrida em Cork, Ireland Agosto de 2004, relata que, a investigação quantitativa do período compreendido entre 1500 e 1820, tem sido relativamente negligenciado por três razões: a) é evidente que o crescimento das economias dos países e regiões foi muito mais lento do que tem sido nos últimos dois séculos; b) a evidência quantitativa é mais difícil de encontrar e c) muitos pensavam que o resultado seria desinteressante, uma ladainha onde há uma longa estagnação interrompida por uma catástrofe.

As referências bibliográficas estão dispostas da seguinte maneira: 1º) as referências de livros usadas diretamente no trabalho; 2º) os sítios da internet onde também foram realizadas

---

<sup>3</sup> Angus Madison (06 de dezembro de 1926 – 24 de abril de 2010) foi um economista britânico. Ele era professor emérito da Faculdade de Economia da Universidade de Groningen (RUG), foi autor de muitas obras importantes da análise histórica econômica, incluindo *na economia mundial: Histórico de Estatísticas* e vários outros livros de referência sobre o mesmo tema.

pesquisas utilizadas no trabalho e; 3º) as referências consultadas que apenas tiveram o caráter de leitura de apoio.

Resta ainda um esclarecimento: Por que realizar um estudo de história econômica da América Latina sobre o Império Inca? Porque, até onde sabemos, foi o povo de maior expressão civilizatória no continente sul americano ainda intocado pelos conquistadores. Eles eram extremamente organizados e com traços culturais riquíssimos que, sob a égide de uma elite governante, abrigava aproximadamente 700 tribos. Aliado a esta complexidade social, que por si só seria razão suficiente para um estudo desta natureza, houve a intervenção através de uma sociedade, se não mais evoluída, com certeza, tecnologicamente superior. Os espanhóis, que de uma maneira ou outra, buscavam soluções para seus problemas políticos e econômicos na Europa. A avidez da Coroa Espanhola traduzida por sua expansão ultramarina e a complacência do Império Inca demonstrada pelos esforços interrompidos na manutenção de um Império confinado ao continente, de certa maneira amalgamou o comportamento sócio-político e econômico de todo o continente e das sociedades que posteriormente se estabeleceram. Aí está a motivação para o presente estudo que, ainda que incipiente, pretende contribuir com uma visão, se não nova, diferente na história econômica.

## 2 O Império dos Filhos do Sol

### 2.1 O Estado Indígena e o Traço Civilizatório no Novo Mundo.

Localizava-se nos Andes Centrais, área que constituiu o domínio do império incaico, o último e o maior dos estados indígenas das Américas até a chegada dos europeus. Apesar de a população indígena ter sofrido um sensível decréscimo devido aos maus tratos, às moléstias até então desconhecidas, chegando a seu nível mais baixo no século XVII, tornou a se recobrar pouco a pouco e hoje constitui parcela importante das populações totais do Equador, Peru e Bolívia, e presente também no norte do Chile e noroeste da Argentina. Ele foi o maior Império Pré-Hispânico nas Américas. Chegando a ter de 3000 a 3500 km de extensão ligados por 1100 léguas (7260 Km) de estradas.



Figura 1- Os domínios do Império Inca

Fonte: Civilizações Andinas, 2005. Disponível em [www.turisperu.hpg.ig.com.br/historia.html](http://www.turisperu.hpg.ig.com.br/historia.html)

Os Andes Centrais (ou Peruanos) são tradicionalmente divididos em três zonas distintas: *Andes costeiros*: Norte, Centro, Sul e Extremo Sul; *Andes cordilheiros*: Norte, Centro, Sul Oriental e Sul Ocidental; *Andes amazônicos*: Norte, Centro e Sul.



Figura 2 – A divisão das regiões andinas

Fonte: A história do Estado Imperial Inca, o Tahuantinsuyo, 1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/Cap01.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/Cap01.htm)

## 2.2 OS HABITANTES

**Inca:** na língua *quéchua* significa – **filho do sol**

Os Incas não eram nem uma tribo, nem uma nação. Eram uma família ( Cieza fala entre 9 e 12 Incas) que inicialmente governou um pequeno reino situado nas montanhas do atual Peru. Foram expandindo pouco a pouco as fronteiras de seu império até que, no final do século XV, estas tinham cerca de 3.500 Km de extensão.

Sob o seu poder, foram incorporados centenas de grupos étnicos, culturais e lingüísticos, com aproximadamente 4 milhões de habitantes, ( na época a população da Espanha era de aproximadamente de 6 milhões). (MADDISON, *The World Economy – Historical Statistics*, 2003)

Eram extremamente religiosos, exercendo o politeísmo, existindo um grande deus criador do céu e da terra; na região andina chama-se Ticiviracocha e Pachacámac na região costeira. Assim como tinham deuses para o sol a lua e fenômenos da natureza. Além disso, acreditavam na imortalidade da alma:

[...]“crêem que seus maiores tornam a viver e alguns acreditam (segundo me informaram), que as almas dos que morrem entram nos corpos dos que nascem.” (FREIRE, *O Soldado Pedro de Cieza de Leon*, 2000)

Os sacerdotes eram figuras-chave também conhecidos como “orelhões”, tendo funções muito mais amplas ligadas a outros fatores julgados importantes, ou seja: ao plantio, à colheita, aos fatores sociais, políticos e econômicos, à vida do cidadão ou da coletividade.

As inúmeras culturas que viviam nos Andes Centrais praticavam o incesto, eram antropófagos, sempre em guerra, não sabiam plantar o milho e desconheciam as relações de parentesco. Coube aos Incas a missão de inseri-los no mundo civilizado e ensiná-los a viver em paz. Eles tinham uma das civilizações mais avançadas do mundo na época. Foram dizimados: em 5 anos estavam reduzidos a 1,6 milhões. Todos os que compunham a elite - política, religiosa, científica, cultural, militar, uns 300 mil, foram liquidados em pouco tempo, cortando as possibilidades de

sobrevivência da civilização todos os conhecimentos acumulados em astronomia, em arqueologia, em culinária, em religião, em agricultura, foram perdidos.

### 2.3 Estratificação social

O **Inca** - o supremo Filho do Sol. O chefe do Estado inca era o Inca, e a estrutura política era fortemente centralizada em suas mãos. Considerado herdeiro de Manco-Capac<sup>4</sup>, como este, apresentava-se como sem pai nem mãe, órfão e pobre, além de desposar uma irmã. Assim, o Inca também era filho do Sol. Observa-se que a legitimação do poder do Inca é fundamentada na tradição. Ou seja, **associar o poder do Inca ao mito de Manco-Capac**

**conferia a esse poder um caráter divino**, reforçado por ritos como o fato de ninguém poder tocar no Inca nem fitar seus olhos. Sabe-se, porém, que **a concentração de poder nas mãos do Inca foi fruto do tempo**. Ela era resultado direto das conquistas. Logo, seu poder era tão maior quanto maior fossem as suas conquistas. E isso, por outro lado, fazia com que esse poder também passasse a assumir um caráter sobrenatural. O último dos incas, por exemplo, já não se apresentava como o filho do Sol, e sim como o próprio.

Os *panakas* que estão logo abaixo do Inca na hierarquia social. Eles formavam a “nobreza de sangue” e ocupavam os mais altos postos militares e burocráticos e não praticavam atividades braçais. Possuía traços distintivos como o uso de cabelos curtos e de discos de ouro nos lóbulos das orelhas, que causavam uma grande dilatação.

Os *tukriquqs* - mais abaixo, havia os *governadores de província* (tukriquqs). Os governadores eram responsáveis pelo exercício da justiça, pela conservação de prédios públicos e estradas, pela manutenção da ordem e, obviamente, pela organização econômica e administrativa. Representavam o poder central em todas as esferas.

---

<sup>4</sup> Manco Capac reinou sobre Cuzco por aproximadamente quarenta anos estabelecendo um código de leis no qual proibiu o sacrifício humano e o casamento entre irmãos. Mas estas leis não se aplicavam à nobreza inca e o próprio Manco Capac desposou sua irmã Ocllo e teve com ela um filho chamado Roca que se tornou o próximo Supa Inca. Estima-se que Manco Capac morreu em 1107. Ele reinou antes de ser criado o título Supa Inca, tanto que seu nome incorpora o título Capac que até então usava e que grosseiramente pode ser traduzido como senhor da guerra.

Eles tinham privilégios imensos, sendo submissos aos *apu* (representantes dos suyos) a quem repassavam todas as informações. O poderio Inca se manifestava, dentre outras formas, nas inspeções regulares a que os governadores estavam sujeitos, bem como na ação de espiões enviados às províncias. **Os sacerdotes** – junto ao Inca encontramos o sumo sacerdote, geralmente irmão do Inca. Os sacerdotes eram escolhidos entre a nobreza e sua função nos rituais sagrados consistia em manter o templo, fazer sacrifícios e se comunicar com os deuses. Abaixo do *buillac umu*, o sumo sacerdote, existia um colegiado de sacerdotes que devia eleger os sacerdotes menores, assistentes e funcionários dos templos: estas autoridades caracterizaram em outros **altos funcionários** como os *Wakas* (sacerdotes de etnia inca) e os *kipukamayocos*, que eram quem dominavam a linguagem dos *quipus*. Através desses instrumentos (*quipu*, na língua quéchua, quer dizer *nó*) eles mantinham uma espécie de censo que controlava desde o número de pessoas até a produção, seja de ouro, agrícola, madeira, etc. Como *os incas não conheciam a escrita*, os quipus era um poderoso mecanismo de controle social e econômico.

**Os Kuracas** - gerenciavam tais recursos. A maioria dos curacas pertenciam à genealogias que há muito, antes mesmo da dominação inca, já exerciam esse poder local, por isso eles detinham essa chefia hereditariamente. Recebiam e cumpriam ordens, através dos tukriquqs, os seus poderes locais e sua autonomia eram enormes. Seriam eles *o elo entre o poder central e a população submissa*.

**Os Ayllus** – já as *comunidades aldeãs* (*ayllus*) eram governadas pelo *Curaca*. Os *ayllus* eram a base da economia e da sociedade inca. Eram comunidades formadas por indivíduos ligados por laços familiares e que compartilhavam o trabalho e os recursos da terra que habitavam.

**Os Yanas ou Yanaconas** - num degrau inferior da escala social existiram os *yanaconas*, cuja origem foi a sublevação da cidade de Yanacu, condenados à servidão perpétua, castigo estendido a seus descendentes. Se o Estado determinasse, os criminosos, os prisioneiros de guerra, os sublevados ou membros de um *ayllu* podiam ser tornados em *yanaconas*: essa era uma ameaça que pairava sobre as comunidades aldeãs. Os *yanas* eram utilizados nos mais diversos serviços. Trabalhavam como carregadores, cumpriam funções domésticas, limpavam templos, etc., mas sua principal tarefa era servir nas terras particulares. Os artesãos especializados era outra mão-de-obra que estava sendo separada dos *ayllus*. Trabalhadores metalúrgicos, tapeceiros, ceramistas, ourives, escultores, etc. eram selecionados por delegados do Inca e remetidos a Cuzco, passado a

dependem diretamente do Estado. Com as ‘virgens do Sol’ acontecia coisa semelhante.(FREITAS, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, 1997)

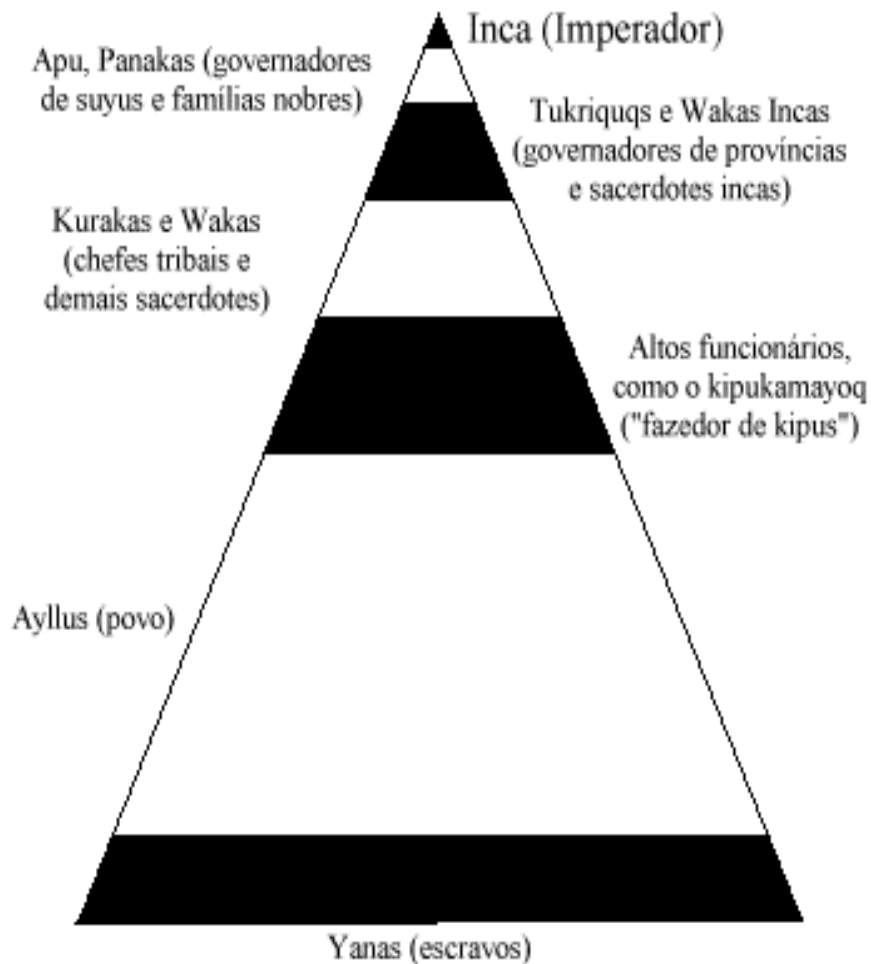


Figura 3 – A estratificação social dos Incas

Fonte: Tawantinsuyu: O Império Inca, 2001. Disponível em [www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html](http://www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html)

## As Linhagens de Poder

A partir dos doze Incas desenvolveu-se a linhagem que deu origem ao Império. É digno de nota que, já na metade do século XVI, a rigorosa linha que mantinha a casta “pura”, foi rompida por Paullu Inka que adotou hábitos espanhóis.



# LINHAGENS DE PODER

**Manco Capac**  
**Sichi Roca**  
**Lloque Yupanqui**  
**Mayta Capac**  
**Capac Yupanqui**  
**Inca Roca**  
**Yahuar Huacac**  
**Viracocha Inca**  
**Inca Yupanqui**  
**Topa Inca Yupanque**  
**Huayna Capac**  
**Huásnar**

<b>Huascar</b>	<b>Atahuallpa</b>	<b>Manco Inca</b>
<b>Tupac Huallpa</b>		
(reino:1527-1532) 1533	(reino:1532-33)	(reino:1533-1545)
Executado por ordem de Morreu logo após seu irmão Atahuallpa subir ao trono	Capturado, aprisionado e executado por Francsico Pizarroos	Rebelou-se contra espanhóis funda Vilcabamba
<b>Sayri Tupac Inca</b>	<b>Titu Cusi</b>	<b>Tupac Amaru</b>
(reino:1545-1558)	(reino:1558-1571)	(reino:1571-1672)
Nomeado herdeiro ainda criança	Único membro da realeza a ditar uma história inca	Último soberano inca; capturado e executado pelos espanhóis.
<b>Paullu Inca</b>		
(reino:1537-1549)		
Adotou costumes espanhóis recebeu brasão e armas espanhol		
<b>Carlos Inca</b>		
(reino:1549-1572)		
Casou-se com uma espanhola soberanos de cusco imperadores do Tahuantinsuyu soberanos incas após a conquista legisladores submissos aos espanhóis.		

Quadro 1- As Linhagens de Poder

Fonte: Elaborado pelo autor com base no artigo intitulado A história do Estado Imperial Inca, o Tahuantinsuyo, 1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/Cap03.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/Cap03.htm)

## 2.4 Expansão do Império

- Pachacuti (reino:1438-1463) Início histórico do Império Inca; construiu Machu Picchu; reconstruiu Cusco como capital do império
- Tupac Inca (reino:1463-1493) conquistador de muitos territórios para os incas
- Huayna Capac (reino:1493-1525) Morreu numa epidemia, tal como seu herdeiro indicado.



Figura 4 – A expansão do Império

Fonte: Expansão do Império Inca, 2010. Disponível em [www.sohistoria.com.br/ef2/incas](http://www.sohistoria.com.br/ef2/incas)

## 2.5 A agricultura Inca nos Andes centrais

O maior número de informações sobre a agricultura, refere-se ao período do Império Inca que precede imediatamente a conquista espanhola.

O cultivo básico era o da batata e milho (cultivo em terraços e utilizando a irrigação). A preparação da terra fazia-se com um “bastão de semear” com um apoio para o pé, às vezes chamado de arado de pé. A expansão do cultivo do milho esteve muito vinculada às técnicas dos *huarohuaros* (terrenos artificialmente elevados). A base da alimentação era constituída por quatro vegetais: a batata, o milho, a *quínoa* (uma espécie de beterraba) e a *oca* (um tubérculo).

O ciclo da vida agrícola, fundamentava-se na ajuda mútua (*ayni*), este era um intercâmbio de trabalho entre as famílias para semear a colheita.(CARDOSO & BRIGNOLI, História Econômica da América Latina, 1983,)

## 2.6 Aspectos agrícolas – A utilização do solo

Os *huarohuaros* eram terrenos artificialmente elevados pela deposição de toneladas de terra em estrias paralelas, gerando sulcos por onde a água poderia correr e se acumular sem causar danos.



Figura 5 – Figura esquemática de um *huarohuaro*

Fonte: O Tahuantinsuyo – Estado Imperial, 1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap11.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap11.htm)

Desta maneira, os huarohuaros atendiam à necessidade de drenagem, irrigação, piscicultura e fornecimento de nutrientes para o solo, além de permitir o desenvolvimento de microclimas adequados para o cultivo de tubérculos em regiões frias: o calor acumulado durante o dia nos grandes regos d'água lentamente se dissipava à noite, mantendo as encostas agricultáveis aquecidas. (Para se ter uma idéia da extrema utilidade de tais técnicas de preparação e uso do solo, basta lembrar que em 1972, 440 anos após o início da conquista espanhola, continuavam em uso no Peru quase 1 milhão de hectares de andenes, 78.000 hectares de huarohuaros e 53.000 hectares de cochas: naquele ano, este total de 1.128.000 hectares equivalia a 48,15% da superfície agricultável da serra peruana.

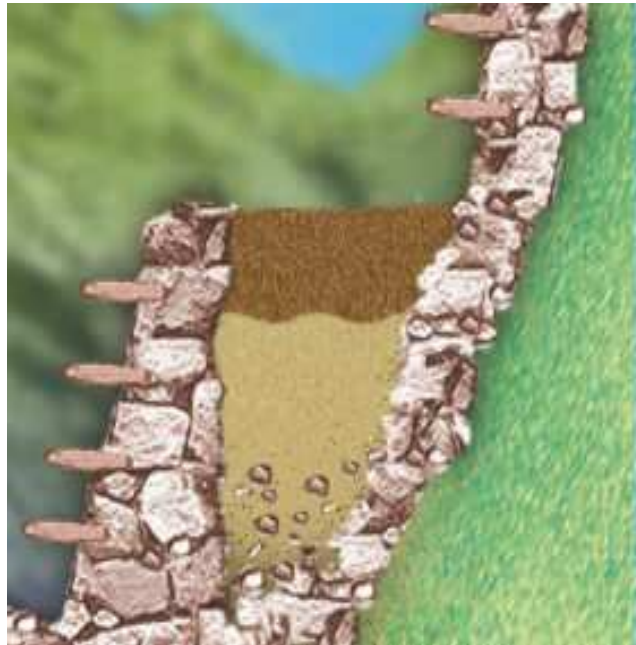


Figura 6 – Representação esquemática de um *patapata* ou *andene*

Fonte: : O Tahuantinsuyo – Estado Imperial,1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap11.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap11.htm)

Os patapata, chamados andenes pelos espanhóis, eram terraças agrícolas construídas em encostas montanhosas. Para sua execução se levantava muros de contenção de pedra e barro, dispunha-se uma capa de cascalho na base e em suas laterais (para facilitar a drenagem e a aeração) e por fim eram preenchidos com terra de cultivo, de forma a frear a erosão, ampliar a fronteira agrícola, reter a umidade do solo e formar microclimas. A largura dos andenes era determinada pelo

produto que nele seria produzido e seus diferentes níveis se interligavam por canais de irrigação, fundamentais ao cultivo e à boa utilização das águas.

Deve-se lembrar que os andenes serviam a dois propósitos distintos: os de contenção, mais estreitos, protegiam as escarpas contra deslizamentos, enquanto os de cultivo, mais largos, serviam como superfície agricultável. . (FREITAS, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, 1997)

## 2.7 Calendário Agrícola-Religioso

Todo o trabalho agrícola era planejado e executado de acordo com as estações do ano e suas características climáticas, o que obrigava o conhecimento de noções precisas de astronomia e meteorologia. Tendo conhecimento de que a revolução solar em torno da Terra durava cerca de um ano (*huata*) e que este período se dividia em meses (*quilla*, o mesmo nome dado à Lua, pelo fato de os períodos mensais serem contados pelas fases de lua nova), os Inca estabeleceram um calendário anual de doze meses e dividiram cada mês em três períodos de 10 dias.

(continua)

***Camay* (janeiro)**mês de penitências e jejuns

***SapaincaJatunpocoy* (fevereiro)**mês das flores, com cerimônias à base de objetos de ouro e prata

***Pachapucuy* (março)**mês de muita chuva, com sacrifícios de animais

***Arihuaquis* (abril)**mês da maturação do milho e da batata

***atúncusqui* (maio)**mês da colheita e da armazenagem de produtos agrícolas

***Aucaycusqui* (junho)**mês do solstício de inverno (início da diminuição dos dias) e da maior festa Inca ao Deus-Sol, a *intiraimi*

***Chaguahuarquis* (julho)**mês da divisão de terras em *tupos*, para preparação da sementeira

***Yapaquis* (agosto)**mês da sementeira

(conclusão)

**Coyaraimi (setembro)** mês da festa da *Coya* e da *sítua*, esta última para purificar a cidade e expulsar as enfermidades e as divindades daninhas

**Humaraimi (outubro)** mês das cerimônias para invocar as chuvas

**Ayamarca (novembro)** mês do culto aos mortos

**Cápacraimi (dezembro)** mês da grande páscoa do Deus-Sol, do solstício de verão (início do alongamento dos dias) e do *huarachicuy* (rito de entrada na idade adulta dos varões Inca)

#### Quadro 2 – Calendário Inca

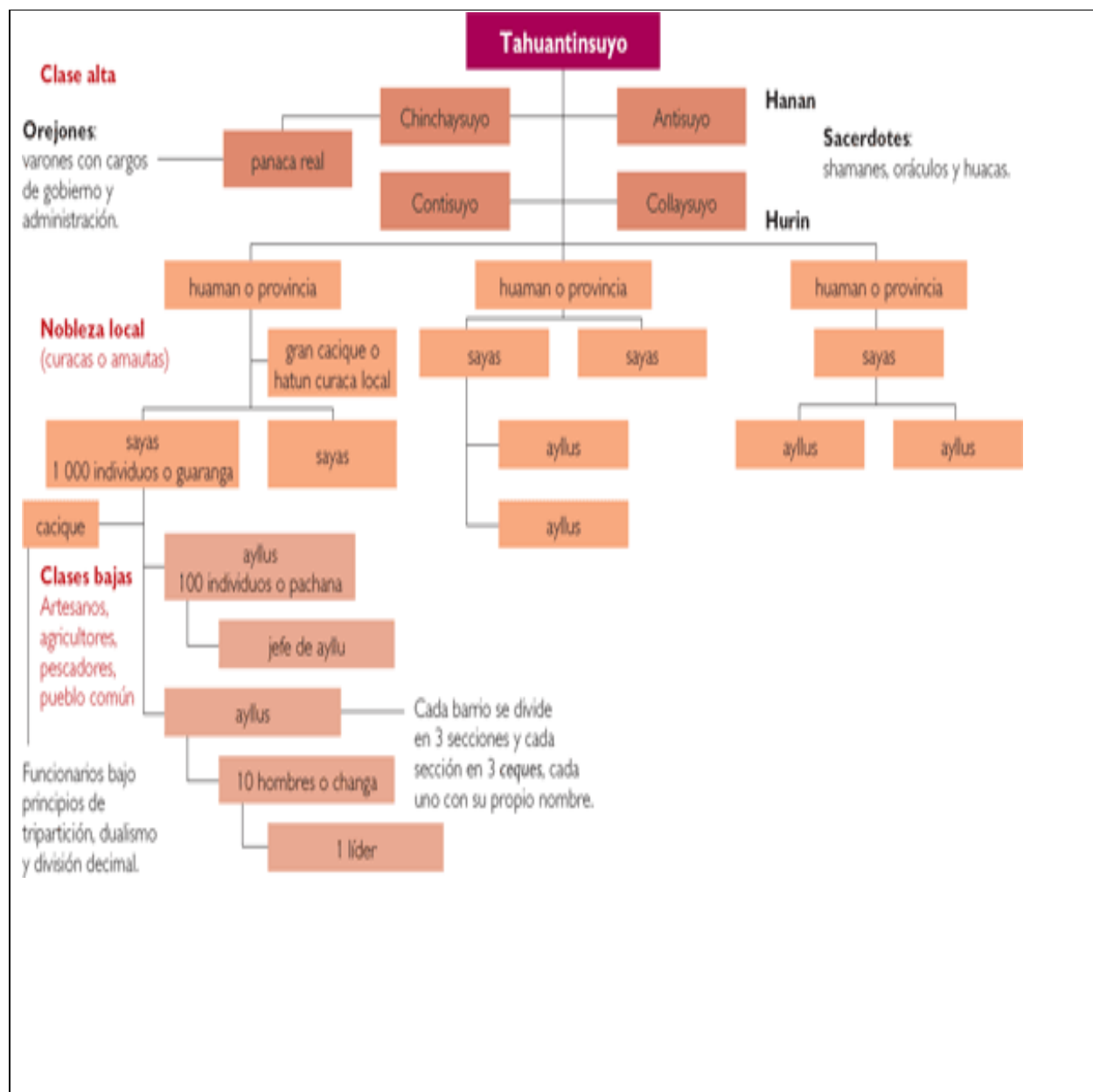
Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações de artigo intitulado: Povo Pré-Colombiano da Argentina, 2008.

Disponível em [www.historia-da-argentina.blogspot.com](http://www.historia-da-argentina.blogspot.com)

## 2.8 A estrutura econômica do Império Inca

A despeito de, no Estado Imperial Inca, vigorar simultaneamente vários modos de produção econômica (comunal primitivo, escravagista e até mesmo feudal, especialmente em seus últimos anos), talvez então conformando um modelo próprio e singular, percebe-se que *o modo de produção predominante em todo o território do Tahuantinsuyo* (as quatro direções), *não era comunista ou socialista* mas, sim, bastante próximo ao encontrado em antigos reinados orientais, no que diz respeito a seus constituintes infraestruturais básicos e à articulação entre estes, donde a possibilidade de classificá-lo então como *modo de produção comunal-tributário*. Dirigida pelo estado, a economia inca era acima de tudo agrária e baseada no plantio de batata e milho. As técnicas eram muito rudimentares, pois não se conhecia o arado. Os incas, no entanto, desenvolveram um sistema de irrigação com canais e aquedutos. As terras pertenciam ao estado e eram repartidas, a cada ano, entre os vários estamentos sociais. Não existia, portanto, a

propriedade privada, existia o *ayllu e a marca*, fundamentos da economia inca; *a marca*: federação de ayllus que detinha a propriedade coletiva das águas e pastagens. (FREITAS, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, 1997)



Quadro 3 – Organograma das relações sociais e econômicas do Império Inca

Fonte: El Tahuantinsuyo, 2008. Disponível em [www.kalipedia.com/historia-ecuador](http://www.kalipedia.com/historia-ecuador)

## 2.9 A estrutura econômica do Tahuantinsuy - O Estado Imperial Inca e a posse da terra

Para entendermos a propriedade e a posse dos meios de produção no *Tahuantinsuyo*, entre eles a terra, é fundamental iniciar pelos *ayllu*, unidades clânicas de toda a região Andina. O *ayllu* consistia na unidade social e econômica básica do império. Era uma espécie de clã, um grupo de famílias que viviam juntas dentro de uma área definida, compartilhando da mesma terra, animais e outras coisas. Essa unidade social podia ser grande ou pequena, estendiam-se até formar uma aldeia ou grande centro ou até mesmo uma cidade inteira. Cuzco, a capital, era nada mais que um *Ayllu* ampliado.

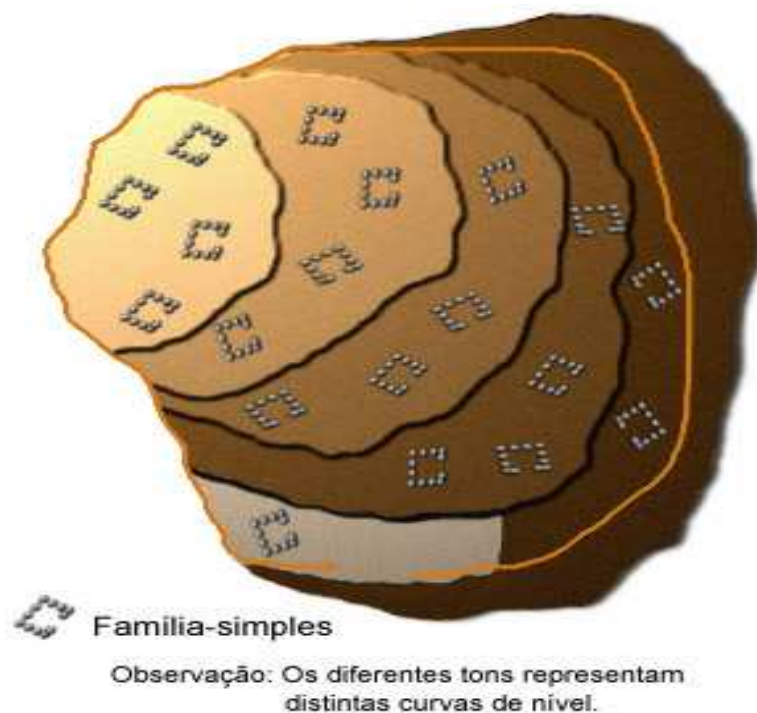


Figura 7 – Representação esquemática de um *Ayllu*

Fonte: O Tahuantinsuyo – Estado Imperial, 1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap06.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap06.htm)

A aristocracia recebia as melhores terras, cultivadas pelas classes mais baixas. Na pecuária, também importante, destacavam-se os rebanhos de lhamas, alpacas e vicunhas, que



forneciam carne, leite e lã, além de serem usadas no transporte. Obs. (os incas puniam severamente quem matasse uma fêmea). O comércio não era importante e não existia moeda.

Enquanto clã, o ayllu era uma família extensa, com membros aglutinados em famílias-simples e famílias-compostas, sempre vinculados por parentesco real e não somente institucional ou totêmico. As famílias-simples (ou nucleares) eram compostas pelos pais e seus filhos solteiros, enquanto as famílias-compostas eram famílias-simples às quais se agregavam outras pessoas, como órfãos, parentes próximos, um dos avós, crianças adotadas etc. Nesta situação, o ser humano não era considerado pessoa individual ou separada do coletivo, dentro dos conceitos de individualidade que a sociedade ocidental desenvolveu. As bases de vida dos habitantes, a atividade diária, as festas e as crenças prosseguiram imperturbáveis. Nasceram, viviam e morriam segundo costumes invariáveis e imemoriais.

## 2.10 Sistema Administrativo e Estrutura Social

Para movimentar a trama toda das relações sociais e produtivas do Tahuantinsuyo, era fundamental uma rígida e estrita hierarquização de funções políticas e produtivas, desempenhadas por homens e mulheres de camadas sociais distintas, cada qual com obrigações ou direitos específicos e separadas por um rígido código de comportamentos e obrigações sociais.

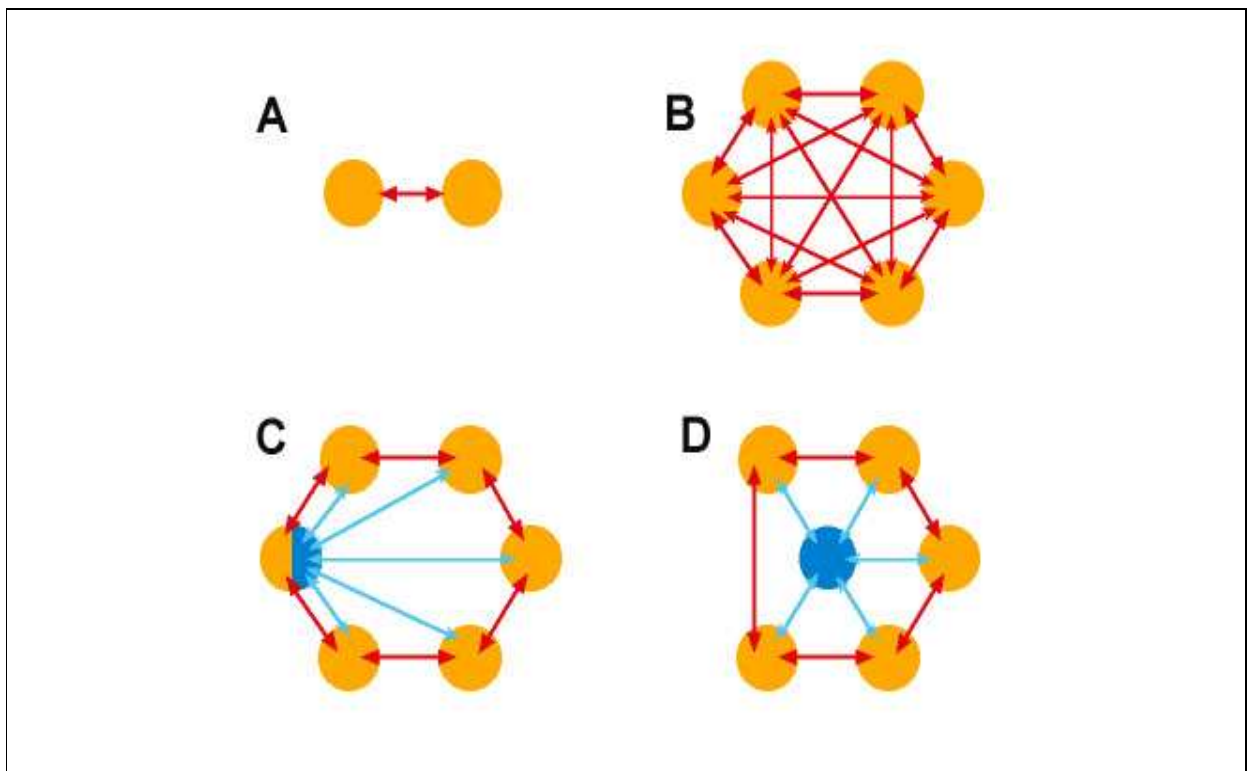
**1º momento A** - duas unidades domésticas se auxiliam de forma recíproca no trabalho agropastoril (através do ayni - *reciprocidade de empréstimo de força de trabalho, praticada pelos habitantes dos ayllus em sua produção regular*), permitindo aos envolvidos uma boa produção e garantindo sua subsistência;

**2º momento B** - no qual passam a interagir inúmeras unidades domésticas (famílias-simples e famílias-compostas), o sistema de reciprocidade se torna mais e mais complexo mas ainda se mantém a divisão de trabalho e da produção;

**3º momento C** - com o tempo, a administração da produção termina recaindo em uma unidade doméstica que já goza de diferenciação no sistema de parentesco do clã (talvez por descender diretamente dos fundadores da etnia) e obriga a divisão de trabalho, agora não mais por tempo ou força de trabalho disponível e, sim, por *especialização* *administrativa;*

**4º momento D** - com o aumento das unidades domésticas envolvidas e a crescente

complexidade das tarefas administrativas, *o líder administrativo se afasta cada vez mais da produção direta e ocupa o seu tempo apenas com a produção indireta*: administrar as terras em rodízio, determinar as obras públicas necessárias - *minga* -trabalho coletivo do *ayllu*, em obras que beneficiassem toda a comunidade e supervisionar a distribuição dos bens agropecuários produzidos comunalmente.



Quadro 4 – A construção da hierarquização através das relações de trabalho

Fonte: O Tahuantinsuyo – Estado Imperial, 1997. Disponível em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap10.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap10.htm)

Desta forma, *o curaca* – chefe do *ayllu* passa a viver da produção social direta, à medida que a comunidade trabalha os seus *tupos* – (medida de tempo ou superfície, relativa e dependendo da região), e a ter privilégios junto ao *ayllu*: sua casa era maior, podia praticar a poligamia, homens e mulheres (*yanas* - *servos*) o serviam e era ajudado em suas tarefas por um *yanapaque* ("ajudante"), geralmente um irmão ou parente próximo, o qual o substituíam temporariamente em caso de doença ou ausência. (FREITAS, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, , 1997)

## 2.11 Reciprocidade

A reciprocidade era comum entre as comunidades de camponeses da região andina, desde antes da chegada dos incas. Ela consistia na prática da solidariedade e da ajuda mútua entre os membros de uma comunidade. Por exemplo, os habitantes de ayllu colaboravam entre si para semear e colher as parcelas de subsistência. No caso de um matrimônio, toda a comunidade ajudava a levantar a casa dos recém-casados. A reciprocidade era praticada pelos ayllus antes da chegada dos Incas, estes, incorporaram o princípio da reciprocidade dos ayllu, como uma das bases do funcionamento econômico e social de seu império. (PINSKI, História da América Através de Textos, 2010,)

## 2.12 O Sistema redistributivo

O controle do trabalho, baseado no sistema de redistribuição, por parte do estado Inca, foi um elemento chave para a economia Inca, e graças a isso, o Império pode se expandir e se manter. O sistema redistributivo consistia essencialmente na *mita*, sistema no qual os trabalhadores contribuía ou prestavam serviços ao estado por meio de trabalhos temporários, mas nunca por meio de tributos em espécie. A *mita* incluía o pastoreio, a tecelagem das mais diversas variedades e da coleta de produtos em bosques e lagos. A demanda de produtos pelo Império era proporcional ao tamanho da população. Para tanto o Império tinha o controle altamente centralizado sobre as etnias que conquistava, delegando poder econômico e político aos chefes que passavam a ter responsabilidade direta sobre os mecanismos econômicos de suas comunidades. A redistribuição considerava o reconhecimento, por parte dos camponeses, dos diferentes níveis de autoridade que existiam na sociedade. Os ayllus entregavam os tributos aos curacas, e os bens tributados se acumulavam em depósitos reais que ficavam em aldeias, caminhos e cidades.

Quando alguns povos do Império não podiam satisfazer suas necessidades básicas porque as regiões onde viviam haviam sido afetadas por colheitas ruins ou outras catástrofes, o Estado incaico redistribuía uma parte dos alimentos, matérias primas e produtos manufaturados armazenados. Os bens acumulados também eram utilizados para pagar os gastos das constantes expedições militares e para premiar os serviços realizados por alguns funcionários, geralmente nobres. Havia basicamente três tipos de mercadorias que eram supridas pelo Estado Inca por

meio do sistema distributivo: 1. artigos de subsistência e utilitários que eram transportados e armazenados em depósitos estatais; 2. artigos que satisfaziam as necessidades militares e 3. objetos de valor e prestígio. (Civilização Inca – Organização Econômica, Disponível em [www.discoverybrasil.com](http://www.discoverybrasil.com), acesso em maio de 2010)

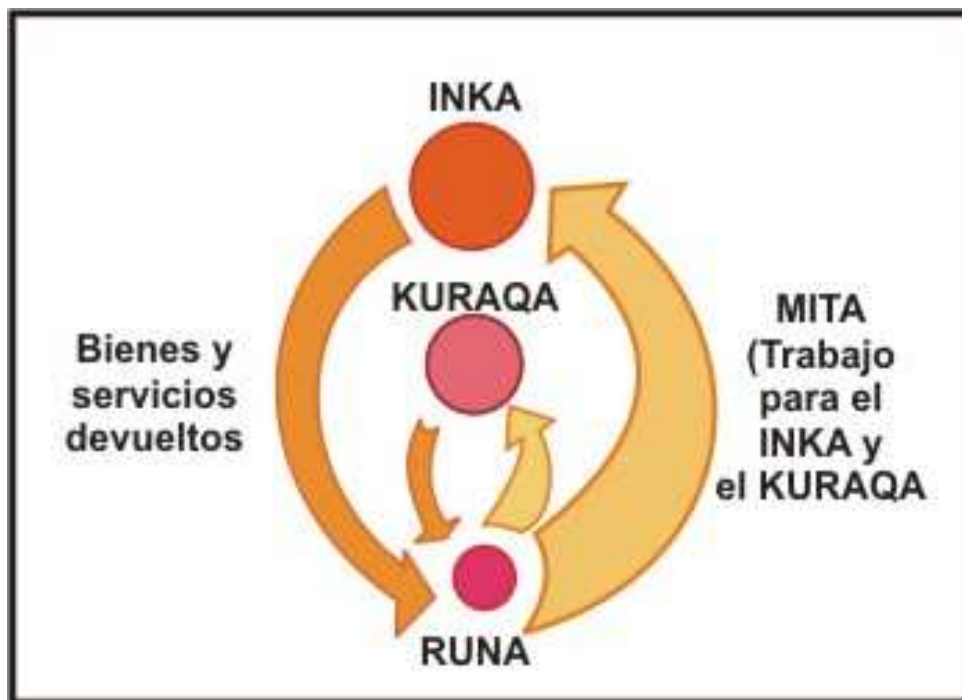


Figura 8 – O sistema redistributivo

Fonte: Aqui Bolívia, 2008. Disponível em [www.aquibolivia.org/spip.php?article24](http://www.aquibolivia.org/spip.php?article24)

## 2.13 Tributação

A economia no Império Inca não conheceu a moeda. As relações comerciais baseavam-se na simples troca, e o tributo ao Inca assegurava a circulação de bens por todo o Império.

Toda a população entre 25 e 50 anos era tributada, e se o aldeão casasse com menos de 25 anos também pagaria tributo. Isto implicava que o casamento representava não apenas a inserção do indivíduo como membro no *ayllu*, como também na rede de tributação estatal.

Ao contrário do caso asteca, o tributo com os Incas era em forma de trabalho pessoal, e não em espécie. Estavam isentos do tributo os setores dominantes ligados ao Estado - guerreiros, burocratas e sacerdotes -, as crianças, velhos e inválidos. Os *Kurakas*, sistematicamente, além de estarem dispensados, recebiam tributo na forma de trabalho pessoal de sua comunidade, como vimos. Era um dos meios de cooptação posto em prática pelo Império.

Havia, entre os Incas, três tipos de tributos que as comunidades deviam ao Estado. Um primeiro era o trabalho coletivo nas terras do Inca e do Sol. Com este tributo, o Império Inca acumulava considerável quantidade de produtos agrícolas para sustentar sua vasta burocracia e pessoal militar, além de servir de "estoque regulador em épocas de crise agrícola.

O segundo tipo de tributo era o serviço pessoal temporário, a *mita*, em que um certo número de homens saía de suas comunidades e ficava à disposição do Estado na construção e conservação de obras públicas. É necessário, porém, relacionar a *mita* com os períodos anterior e posterior à conquista inca.

Antes da conquista, a *mita* possibilitava ao *Kuraka* ter à sua disposição um contingente de homens para cuidar de seus rebanhos, atividades de tecelagem e da agricultura, por um período de três meses a um ano. O trabalho não era rigoroso e o *Kuraka* tinha que demonstrar generosidade, alimentando e dando habitação ao *mitayo*. Nas festas religiosas, por exemplo, o *Kuraka* garantia o milho, a cerveja e a coca. Com a conquista inca, o Estado assumiu os encargos que antes eram dos *Kurakas* e o serviço pessoal tanto poderia ser nas obras públicas como na produção agrícola dentro do próprio *ayllu*, dependendo das necessidades do Estado. ( Incas e Astecas, documento world disponível em [www.visionvox.com.br/biblioteca](http://www.visionvox.com.br/biblioteca), acesso em junho de 2010)

Por fim, o tributo têxtil que tinha, ao mesmo tempo, uma função econômica e um ritual religioso, com cada família entregando ao Inca uma parte do produto fiado e tecido. A atividade têxtil era de grande importância para o Império, e esta necessidade ensejava o surgimento das *Acclas*, mulheres escolhidas e recolhidas ao Templo do Sol, que assumiam a posição de esposas subsidiárias do Inca. O templo funcionava como verdadeira oficina têxtil, chegando a ter 2 000 *Acclas* nas vésperas da conquista espanhola.

O tributo devido ao Inca era legitimado a partir de certas construções ideológicas que mediavam as relações entre Estado e comunidades. Numa primeira, pela redistribuição, o tributo aparecia para as comunidades como um estoque que seria distribuído em épocas de catástrofes climáticas ou carestias. Ocorria o mesmo com a "benevolência" do Inca que, se apossando das terras das comunidades, permitia que estas as usassem para seu próprio sustento. Além disso, o tributo perdia seu caráter meramente econômico - extração de um excedente econômico - e assumia uma capa religiosa, quando o Inca aparecia como o Filho do Sol, aquele que transmitia a proteção e a segurança do universo, garantindo a ordem social. Sua generosidade assegurava o sustento dos velhos, inválidos e enfermos e, em épocas de crise, abria os armazéns para a sobrevivência de todos. Para os aldeões impunha-se o sentimento de que participavam daquilo que entregavam ao Inca como tributo, justificando e legitimando a dominação estatal. A hegemonia inca tinha predomínio no campo da persuasão, do consentimento, da confiança, da busca à aceitação da submissão.

O tributo, porém, conservava seu caráter local. O Inca proibia o aldeão de sair de sua comunidade, e a *mita* era prestada no próprio local em que vivia. Como o tributo era enviado a Cuzco, e daí redistribuído a todo o Império, o mecanismo permitia ao mesmo tempo a circulação de bens e o imobilismo social. O tributo assumia então uma dupla função: vinculava a comunidade a um conjunto mais vasto e exilava-a em seu marco local, consolidando as estruturas tradicionais.

Nos últimos anos do Império, desenvolveu-se com grande rapidez o segmento dos *yanas*, espécie de serviço pessoal hereditário, mas que em nada se assemelhava à escravidão clássica ou moderna. Dentre suas atividades principais, os *yanas* se incumbiam dos serviços no palácio do Inca, do cultivo de suas terras e chegavam a exercer cargos administrativos. Quando a serviço de um *Kuraka*, exerciam atividades na agricultura, pecuária e serviços caseiros. Como o escravo asteca,

um *yana* era alimentado, vestido, poderia ter casa, rebanhos e outros bens, mas somente um de seus filhos herdava o estatuto do pai. Como os *yanas* eram absoluta minoria nesta sociedade, devemos considerá-los enquanto setor secundário no processo produtivo global e não superestimar seu aparecimento, coisa que levou alguns estudiosos do assunto a considerarem o Império Inca como escravista ou feudal.

## 2.14 Os Registros Contábeis

Em cada cabeça de província havia os “*quiposcamayos*”, contadores que controlavam o que haviam de tributar em cada distrito, desde ouro e prata, até a colheita, gado, roupa ou lenha entre outros itens.

Ao contrário de outros povos pré-colombianos tais como os *Maias* e *Astecas*, a escrita era proibida no império *Inca*. Toda atividade intelectual deste povo se deu lugar à transmissão oral de conhecimentos que, por sua vez, iria permitir aos cronistas Espanhóis recolhê-las e perpetuá-las por escrito. O Sistema de numeração dos *Incas* era o decimal, diferente do vigesimal utilizados pelos *Maias* e *Astecas*. Esta particularidade facilitava o registro e as operações numéricas.

O *Kipu* era uma corda colorida constituída por um cordão de pouco mais de um metro de comprimento, que se segurava na posição horizontal. Desse cordão pendiam diversos cordões em posição vertical com nós de torções variadas. Os *Kipus* possuíam suas características qualitativas pelo uso de cada cordão horizontal e vertical. Os cordões horizontais representavam grupos contábeis, cuja finalidade era o registro de fenômenos de mesma natureza, como por exemplo, a cobrança de tributos, os estoques, os recenseamentos, etc. Os cordões verticais, cada um de cor diferente, representavam as contas contábeis propriamente ditas. Cada cor correspondia a uma conta específica. Historiadores contam que, muito provavelmente, os fios brancos correspondiam à lã dos *Lhamas*, os amarelos ao milho, os dourados ao ouro, e assim por diante. (SERRA NEGRA, , Contabilidade do Império do Sol, 2002, Vista & Ver, volume 13 número 3).



Figura 9 – O Kipu

Fonte: Los Primeros registros, huesos, kipus, 2009. Disponível em [www.zurcir.blogspot.com](http://www.zurcir.blogspot.com).

Do ponto de vista quantitativo os *Kipus* informavam, com precisão, as quantidades envolvidas no registro através das torções dos *nós* e suas posições nos cordões verticais. Cada *nó* nos cordões tinha a mesma função, mas com significados variados. Assim, um *nó* simples indicava o algarismo um. *Nós* cada vez mais grossos figuravam os algarismos de dois a nove. O conceito de zero era conhecido e estava subtendido nas operações numéricas. De acordo com a posição do *nó* na parte inferior, mediana ou superior dos cordões verticais, os algarismos que eles representavam equivalia a dezena, centena e milhar. Os *Kipus* também tinham o caráter de sistema de escrituração pois demonstravam resultados, receita e despesa e relacionavam “patrimônio”.



## 2.15 Relações de Comércio, os Valores de Troca e o “Dinheiro Primitivo”

O comércio era feito através de permutas. Nas feiras podiam ser encontrados alimentos (milho, mandioca, feijão, mel etc) cerâmica, tecidos e instrumentos agrícolas. Os Incas muitas vezes utilizavam-se de uma espécie de "serviço de crédito", onde, já tendo trabalhado, podiam receber alimentos. Contudo, a troca não era grande porque parte considerável da população produzia somente o que necessitava. O comércio local, era realizado por meio de intercâmbio de produtos pelas próprias famílias ou nos *catús*, que significa mercado em quéchua. No contexto econômico, este mercado é entendido como local de negociação de valores estabelecidos por meio de decisões entre compradores e vendedores, baseados na lei de oferta e procura e sem a mínima intervenção do Estado. (MARTINS– O papel do “Dinheiro Primitivo” na Economia Inca –2001,)

Ainda que incipiente, o Império Inca valeu-se de alguns objetos que incorporaram valor e participaram do sistema de trocas onde tinham importância, ainda que valor primitivo. O certo é que estes objetos eram vistos como sinal de *status*. As conchas marinhas do tipo *Spondylus* (*mollu e chaquira*), pimenta do tipo *ají*, as folhas de *coca* e as *hachitas axé-monies* e *naipes*. As figuras 10 e 11 abaixo mostram respectivamente uma concha *Spondylus* e um colar feito dessas conchas. A matéria-prima e o objeto de prestígio.



Figura 10 – concha Spondylus



Figura 11 – colar de conchas

Fonte: Smithsonian Institution, 2002. Disponível em [forces.si.edu/elnino/exhibition\\_2e2.html](https://forces.si.edu/elnino/exhibition_2e2.html)

Fonte: Inka's Impire Tour, 2001. [www.inkas.com/.../opulent\\_itineraries.html](http://www.inkas.com/.../opulent_itineraries.html)

O ouro e a prata, os metais preciosos, no Império Inca eram assim chamados por coexistirem com bens de prestígio e de valor sagrado onde a posse destes metais remetia a um *status* imaterial. Tanto o ouro, a prata assim como as pedras preciosas não eram usadas como meio de troca, nem como moeda. Eram destinados a ornamentar as casas da Coroa ou de orelhões, templos, vestuário, armas e objetos de uso pessoal (uso sagrado).

### 3 - 1490 – Principais Características da Europa no Período

A Coroa Espanhola procura firma-se no cenário internacional, para tanto procura reforçar o poder do Estado Nacional, dando estímulos a expansão marítima e colonial na busca de riqueza e conforto econômico. As idéias econômicas que estão por trás disso são o *mercantilismo*<sup>5</sup> e o *bulionismo*<sup>6</sup>. (HUNT, E. K. – História do Pensamento Econômico, Uma Perspectiva Crítica, 1984.).

Quando Fernando e Isabel subiram ao trono em 1475, a economia e a política de Castela estavam em crise. A moeda desvalorizada, a agricultura empobrecida, a indústria decadente e o comércio estagnado. Além disso, a rebeldia dos nobres deu a largada ao absolutismo, através da centralização e o paternalismo dos Reis Católicos. A união de Castela e Aragão, a conquista de Granada e o descobrimento da América, estão entre os maiores feitos da Coroa Espanhola. Os Reis adotaram reformas sanitárias e urbanísticas e, estrategicamente melhoram a infra-estrutura portuária e naval, estimulando o comércio e a indústria. Também suprimiram as lutas internas ao mesmo tempo em que realizaram as reformas administrativa e legal. As medidas adotadas por de Fernando e Isabel, criaram a atmosfera necessária para o surgimento espontâneo de um sistema mercantilista coerente e adaptável para a Espanha. (HAMILTON – El Florecimiento Del Capitalismo – 1984).

---

<sup>5</sup> O mercantilismo foi o conjunto de práticas e idéias econômicas desenvolvidas na Europa entre o séc. XV e XVIII. O nome mercantilismo foi criado pelo economista Adam Smith em 1776 quando da publicação da obra A Riqueza da Nações. O mercantilismo tinha por objetivo fortalecer o Estado e enriquecer a burguesia, para isso, era preciso ampliar a economia para dar mais lucro afim de que a população pudesse pagar mais impostos. A busca de uma balança comercial favorável, exportações > importações, é que traria riquezas e vantagens e assim começou uma competição comercial.

<sup>6</sup> É a ideia de riqueza econômica através da quantificação de **metais preciosos**, onde o metal era valorizado como moeda de troca, muitas vezes sendo confundido como moeda ou capital. A Espanha foi o país que mais se comprometeu ao por em prática o ideal do metalismo; ao invés de investir em atividades agrícolas e manufatureiras para sustentar a balança comercial, reduziu suas expectativas econômicas à exploração do ouro e da prata extraídos dos países que colonizava na América Latina, principalmente o Peru e o México.

### 3.1 A América Espanhola, o Descobrimento, a Conquista e o Império Colonial Espanhol

Em 1492, Cristóvão Colombo descobriu a América. As terras encontradas foram disputadas entre Portugal e Espanha. Para controlar a corrida entre esses países, o papa espanhol Alexandre VI propôs a Bula *Inter Coetera*, dividindo o Oceano Atlântico por um meridiano. Mas, com o meridiano, Portugal só teria direito as terras africanas. A Coroa portuguesa pressionou para mudarem o acordo e foi assinado o Tratado de Tordesilhas, dividindo o continente entre os dois países. Mas os outros países europeus não concordaram com isso e fundaram colônias na América.

A criação do reino unificado de Espanha, como estrutura histórico-geográfica, começa a tomar forma em 1492 com a conquista de Granada e ataques ao Magrebe, a chegada de Colombo à América e suas sucessivas viagens até 1502 ao serviço dos Reis Católicos. A América torna-se, a partir de então, um território aberto à colonização e exploração econômica espanhola. Foi um império nascido das rivalidades com os portugueses, senhores do caminho para a Índia (oriental), com os quais firmaram um acordo de divisão do mundo - o Tratado de Tordesilhas, em 1494, pelo qual se impõe a doutrina do *Mare Clausum*<sup>7</sup>, com o exclusivo dos mares para os peninsulares.

Logo na sequência da descoberta da América por Colombo, os espanhóis fundam a colônia de *Hispaníola* (Santo Domingo), primeiro povoado europeu naquele continente. Em 1513, Balboa<sup>8</sup> descobre o Pacífico, abrindo aos espanhóis as rotas das especiarias através daquele oceano. Para tal, conquistaram em 1564, do outro lado do Pacífico, as Filipinas, donde operaram para todo o Extremo Oriente. Antes, porém, em 1519, começara, na América (do México e Caraíbas até à América do Sul, com exceção do Brasil), a saga dos "conquistadores" - Cortés, Pizarro, Almagro... -, tristemente célebres pela devastação e desconsideração cultural por civilizações antigas em pleno esplendor. Eles Conquistaram, a serviço de Carlos V, um imenso império territorial, tão grande que "o Sol nunca se punha", dizia-se. A partir de então a América

---

<sup>7</sup> *Mare clausum* (latim significando "mar fechado") é um termo legal usado no direito internacional. Refere-se a qualquer mar ou corpo de água navegável que esteja sob a jurisdição de um país, sendo vedado a outras nações.

<sup>8</sup> O espanhol Vasco Núñez de Balboa, que, em 1513, atravessou o istmo do Panamá e deparou com as águas de um grande mar que parecia ser "Pacífico".

constituirá o centro nevrálgico do grande império colonial espanhol, mercê das suas riquezas minerais (ouro, prata, pedras preciosas) e agropecuárias, para além do acolhimento que dará a milhões de colonos em busca do *El Dorado*.

Até cerca de 1550, os "conquistadores" atingirão o longínquo Chile e explorarão a Venezuela, atingindo, em meados do século XVII, o Rio da Prata (Argentina), a Florida e o Novo México. A sua autoridade será, no início, a "Lei" nas novas regiões, o que faz com que, a partir de 1521, o rei imponha a sua administração de forma mais atuante, intitulando-se "Rei das Índias" e criando os vice-reinados (México, 1535; Peru, 1543) e as capitânias-gerais, definindo circunscrições judiciais (corregedores) e distritos, paralelamente à instituição da Casa das Índias para administração das colônias americanas, parte integrante que eram do reino espanhol. Mantém a Coroa com elas um estatuto de exclusividade - só podiam negociar com espanhóis, através da *Casa de Contratación*, em Sevilha -, cobrando impostos régios (quinto) sobre o ouro e a prata, transformados, desde 1545, nos produtos mais valiosos da América espanhola (Potosí, no Peru, e Zacatecas, no México, eram as minas mais produtivas).

Para além deste esplendor imperial e econômico, aparece o problema do "índio", escravizado e dizimado nas Antilhas, primeiramente, depois quase extinguido na América Continental (mais de doze milhões de indígenas), vítima de incontáveis e variados processos tenebrosos de epidemias e doenças europeias. Apesar de substituídos por escravos negros, os "índios" continuaram a sofrer maus tratos, perpetrados por súbditos dos "catolicíssimos reis de Espanha", apesar das denúncias de religiosos, como o dominicano frei Bartolomeu de las Casas, entre muitos outros. Estes religiosos, mendicantes ou jesuítas, evangelizarão e protegerão os Índios, ao mesmo tempo que criarão universidades e escolas. Porém, cria-se uma crescente aristocracia crioula, esclavagista e poderosa, com exércitos pessoais e lucros fabulosos. É o caso dos *ganaderos* nas suas *haciendas* ou *estaciones*. Os colonos, por vezes, revoltar-se-ão, como no Peru, entre 1546 e 1554.

### **3.2 A Estrutura Político-Metropolitana**

O processo de exploração da América colonial foi marcado pela pequena participação da Coroa, devido a preocupação espanhola com os problemas europeus, fazendo com que a conquista fosse comandada pela iniciativa particular, mediante o sistema de capitulações.

As capitulações eram contratos em que a Coroa concedia permissão para explorar, conquistar e povoar terras, fixando direitos e deveres recíprocos. Surgiram assim os adelantados, responsáveis pela colonização e que acabaram representando o poder de fato nas terras colonias, como Cortez e Pizarro que, apesar de incorporarem ao domínio espanhol grandes quantidades de terra, não conseguiram implementar um sistema eficiente de exploração, normalmente pela existência de disputas entre aqueles que participavam do empreendimento. Por isso, à medida que se revelavam as riquezas do Novo Mundo, a Coroa foi centralizando o processo de colonização, anulando as concessões feitas aos particulares.

O primeiro órgão estatal foi a Casa de Contratação, criada em 1503 e sediada em Sevilha, ela era responsável pelo controle de todo o comércio realizado com as colônias da América e foi responsável pelo estabelecimento do regime de Porto Único. Apenas um porto na metrópole, a princípio Sevilha, poderia realizar o comércio com as colônias, enquanto na América destacou-se o porto de Havana, com permissão para o comércio metropolitano e anos depois os portos de Vera Cruz, Porto Belo e Cartagena. Desenvolveu ainda o sistema de frotas anuais (duas); desde 1526 havia a proibição de navegarem os barcos isoladamente. O Conselho das Índias foi criado em 1524, por Carlos V, e a ele cabia as decisões políticas em relação às colônias, nomeando Vice-reis e Capitaes gerais, autoridades militares, e judicias. Foram criados ainda os cargos de Juízes de Residência e de Visitador. O Primeiro, responsável por apurar irregularidades na gestão de algum funcionário da metrópole na colônia; o segundo, responsável por fiscalizar um órgão metropolitano ou mesmo um Vice reino, normalmente para apurar abusos cometidos.

### 3.3 Política Colonial

Nas colônias o poder dos adelantados foi eliminado com a formação dos Vice-Reinos e posteriormente dos Capitães gerais. O território colonial foi dividido em quatro Vice-Reinos -- Nova Espanha, Peru, Rio da Prata, e Nova Granada -- e posteriormente foi redividido, surgindo as Capitanias Gerais, áreas consideradas estratégicas ou não colonizadas. Os Vice-Reis eram nomeados pelo Conselho das Índias e possuíam amplos poderes, apesar de estarem sujeitos à fiscalização das Audiências. As Audiências eram formadas pelos ouvidores e possuíam a função judiciária na América. Com o tempo passaram a ter funções administrativas. Os Cabildos ou ayuntamientos eram equivalentes às câmaras municipais, eram formadas por elementos da elite colonial, subordinados as leis da Espanha, mas com autonomia para promover a administração local, municipal.



Figura 12 – Divisão Política das Colônias

Fonte: Disponível em História Licenciatura, <http://hid0141.blogspot.com>

O mapa, figura 12, ilustra a divisão política das colônias da Espanha (em vermelho), porém não é preciso. Os espanhóis, logo após empreenderem um sangrento processo de dominação das populações indígenas da América, efetivaram o seu projeto colonial nas terras a oeste do Tratado de Tordesilhas. Para isso montaram um complexo sistema administrativo responsável por gerir os interesses da Coroa espanhola em terras americanas.

Todo esse esforço deu-se em um curto período de tempo. Isso porque a ganância pelos metais preciosos motivava os espanhóis. As regiões exploradas foram divididas em quatro grandes vice-reinados: Rio da Prata, Peru, Nova Granada e Nova Espanha. Além dessas grandes regiões, havia outras quatro capitânicas: Chile, Cuba, Guatemala e Venezuela. Dentro de cada uma delas, havia um corpo administrativo comandado por um vice-rei e um capitão-geral designados pela Coroa. No topo da administração colonial havia um órgão dedicado somente às questões coloniais: o Conselho Real e Supremo das Índias. Todos os colonos que transitavam entre a colônia e a metrópole deviam prestar contas à Casa de Contratação, que recolhia os impostos sob toda riqueza produzida. Além disso, o sistema de porto único também garantia maior controle sobre as embarcações que saíam e chegavam à Espanha e nas Américas. Os únicos portos comerciais encontravam-se em Veracruz (México), Porto Belo (Panamá) e Cartagena (Colômbia). Todas as embarcações que saíam dessas regiões colônias só podiam desembarcar no porto de Cádiz, na região da Andaluzia.

Responsáveis pelo cumprimento dos interesses da Espanha no ambiente colonial, os chapetones eram todos os espanhóis que compunham a elite colonial. Logo em seguida, estavam os criollos. Eles eram os filhos de espanhóis nascidos na América e dedicavam-se a grande agricultura e o comércio colonial. Sua esfera de poder político era limitada à atuação junto às câmaras municipais, mais conhecidas como cabildos. Na base da sociedade colonial espanhola, estavam os mestiços, índios e escravos. Os primeiros realizavam atividades auxiliares na exploração colonial e, dependendo de sua condição social, exerciam as mesmas tarefas que índios e escravos. Os escravos africanos eram minoria, concentrando-se nas regiões centro-americanas. A população indígena foi responsável por grande parte da mão de obra empregada nas colônias espanholas. Muito se diverge sobre a relação de trabalho estabelecida entre os colonizadores e os



índios. Alguns pesquisadores apontam que a relação de trabalho na América Espanhola era escravista. Para burlar a proibição eclesiástica a respeito da escravização do índio, os espanhóis transformaram a mita e a encomienda. A mita consistia em um trabalho compulsório onde parcelas das populações indígenas eram utilizadas para uma temporada de serviços prestados. Com a encomienda, os espanhóis realizavam uma “troca” onde os índios recebiam em catequese e alimentos por sua mão-de-obra. No final do século XVIII, com a disseminação do ideário iluminista e a crise da Coroa Espanhola (devido às invasões napoleônicas) houve o processo de independência que daria fim ao pacto colonial, mas não resolveria o problema das populações economicamente subordinadas do continente americano.

## **4 A Herança da Descoberta - Reflexos da Conquista na América e na Europa, O Feudalismo Ibérico versus A Lei do Tahuantinsuy**

No quarto e último capítulo é realizada a confrontação cultural, sócio-política e econômica das duas civilizações. As questões examinadas são: o uso da terra, a estratificação social como agente determinante de ocupação dos territórios e organização do trabalho, as relações de poder, tanto temporal como religioso, a realização de políticas internas ao Império Inca e as políticas de dominação estabelecidas pelos espanhóis. As instituições e as relações econômicas existentes e implementadas durante e após a dominação.

### **4.1 Políticas de Organização Populacional - Os Impérios, População e a Natureza de Suas Economias**

A luz das doutrinas populacionais, a política econômica desenvolvida por uma sociedade ou civilização, depende muito da importância e do potencial oferecido por sua economia doméstica, as possibilidades de prover trabalho assim como a capacidade de manutenção de suas estruturas, onde a forma de organização do trabalho e os meios de produção, mantêm o conjunto estável, projetando esta sustentação. (GONNARD - Historia de las doctrinas de la poblacion, 1945)

Talvez esta seja a melhor introdução sobre a organização da população no Império Inca, enquanto civilização que expandia-se regionalmente, as vésperas da conquista espanhola.

Ao contrário da economia apresentada por antigas civilizações e impérios, os conquistadores espanhóis à época, buscavam minimizar riscos, trabalho e somente quando conveniente respeitar as convenções culturais. Política esta, consubstanciada pela natureza extrativista nos territórios conquistados, provendo a subsistência de não produtores em setores que mantinham as elites em posição privilegiada tanto na sociedade conquistadora como na conquistada.

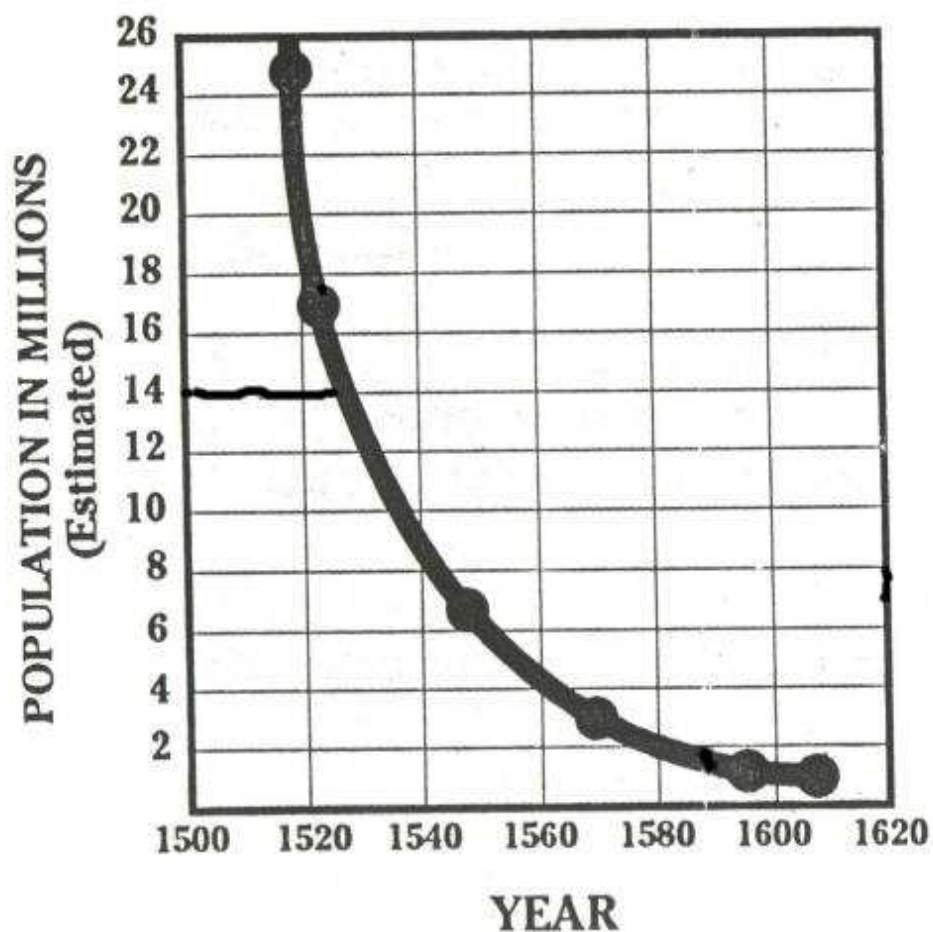
No que tange ao estudo aqui proposto, analisamos o modelo político-econômico de Centro-Periferia que contempla as estratégias e percursos tanto de conquistados e conquistadores. O modelo centro-periferia explora e subordina a coletividade chamada periferia pela elite política central. Enquanto o centro é caracterizado por instituições fortes e dominantes, a periferia o é por sociedades pouco estruturadas e lideranças regionais inexpressivas. A exploração da Periferia pelo Centro, pode dar-se através de baixos salários e benefícios e na baixa relação entre

capital e trabalho na produção intensiva de bens. Independente do instrumento de exploração utilizado, a periferia pode ainda dividir-se em áreas semi-periféricas com formações intermediárias onde também estão caracterizadas a atividade econômica, a força do estado e a integração cultural. Todas elas úteis ao Centro, pois agregam conhecimento e podem atenuar políticas impopulares que porventura sejam aplicadas. Também é importante ressaltar que as relações Centro-Periferia giram em torno da acumulação de capital, visto como forma de riqueza que pode ser transformado em bens duráveis, metais, dinheiro, terra ou trabalho. O custo da aplicação intensiva da produção é largamente compensado às populações semi-periféricas, portanto, menos abastadas, pois em troca recebem tecnologia, organização, ideologia, etc. A aplicação deste conceito abrange tanto antigos como novos impérios, sendo um processo contínuo na história. Além disso, o modelo proporciona, dada as desigualdades regionais, o surgimento de novos centros e periferias em detrimento de outros havendo um rearranjo das relações de importância de geografia e economia espacial nos domínios do império. (D'ALTROY- Empire and domestic economy –, 2001,)

Tanto a Coroa espanhola como o Império Inca, resguardadas as diferenças culturais e relacionais e em momentos diferentes, valeram-se deste modelo para ampliar seus domínios e seu poder. Na primeira metade do século XV a Europa viu decrescer rapidamente sua população. A população da Espanha estava estimada abaixo dos 6.000.000 (seis milhões) de almas, sendo que as estimativas para a população de nativos sob domínio Inca, era de 4.000.000 (quatro milhões) de almas. Cacula-se que por volta de 1500, o número de habitantes das Américas chegasse à 25.000.000 (vinte e cinco milhões). (MADDISON, The World Economy – Historical Statistics, 2003)

Esta situação irá inverter-se entre 1470 e 1530, enquanto a população européia e conseqüentemente a espanhola crescem, a população das Américas decresce exponencialmente, depauperando ainda mais as estruturas civilizatórias existentes, conforme quadro abaixo.

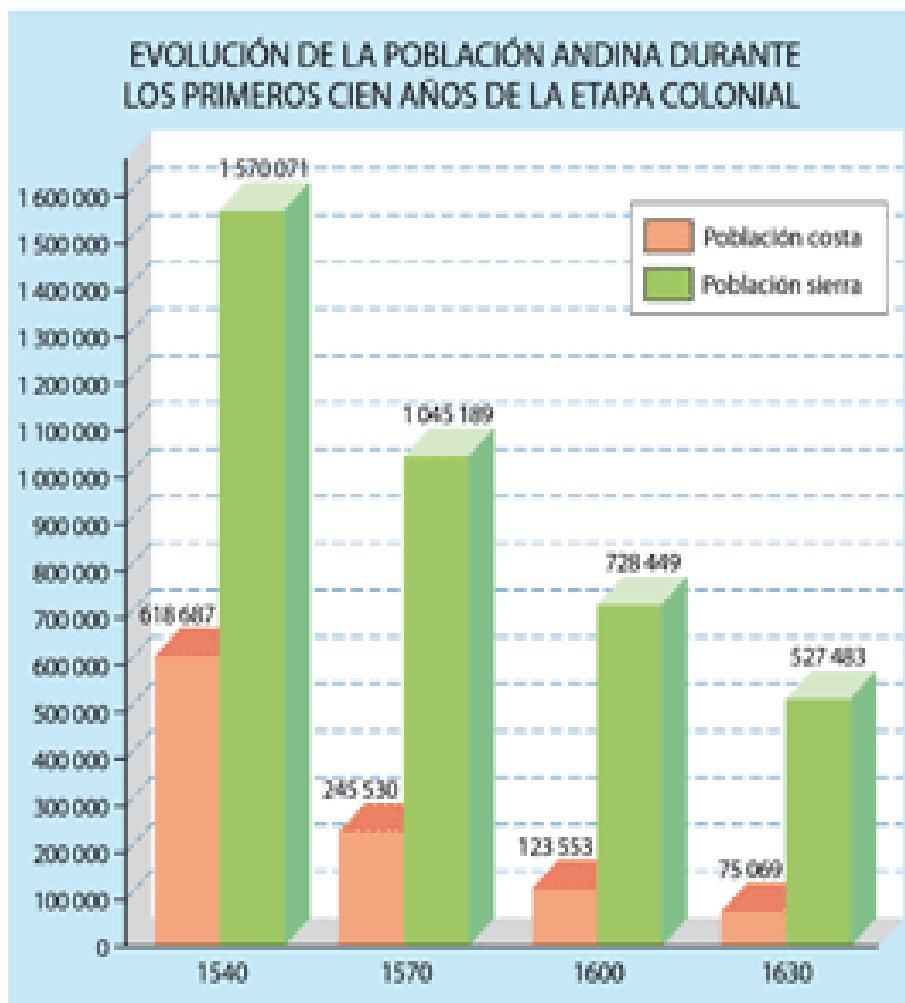
## Changes in Native American Population (1519- 1605)



Quadro 5 – Decréscimo da população americana nativa

Fonte:

Na América do Sul, mais precisamente nos Andes, nos primeiros cem anos de colonização espanhola a população do Tahuantinsuyo decresce também de modo exponencial.



Quadro 6 – Decréscimo da população andina costeira e serrana  
 Fonte: Consecuencias de La Conquista, 2008. Disponível em [www.kalipedia.com](http://www.kalipedia.com)

## 4.2 A Ocupação da Terra

A ocupação da terra na Idade Média europeia, respitava a divisão do feudo em mansos ou reservas. O manso senhorial (domínio): uso exclusivo do senhor feudal, o manso servil: arrendado aos servos e dividido em tenências. E o manso comunal: terras comuns (pastos, bosques, florestas). Além disso haviam as obrigações servis de dependência pessoal e de obrigações recíprocas divididas em: suserania e vassalagem: nobre e nobre.; suserano: doava a

terra (*beneficium*) à proteção, vassalo: recebe a terra à fidelidade, auxílio nas guerras, pagamento de resgate, homenagem (cerimônia): juramento de fidelidade. ajuda (*auxilium*) e consulta (*consilium*) mútuas. No final do século XV, esta estrutura fez reaparecer a região, centro quase que único de colaboração e trocas, onde o agente da vida econômica será a cidade. (HUGON – História das Doutrinas Econômicas – 1959,)

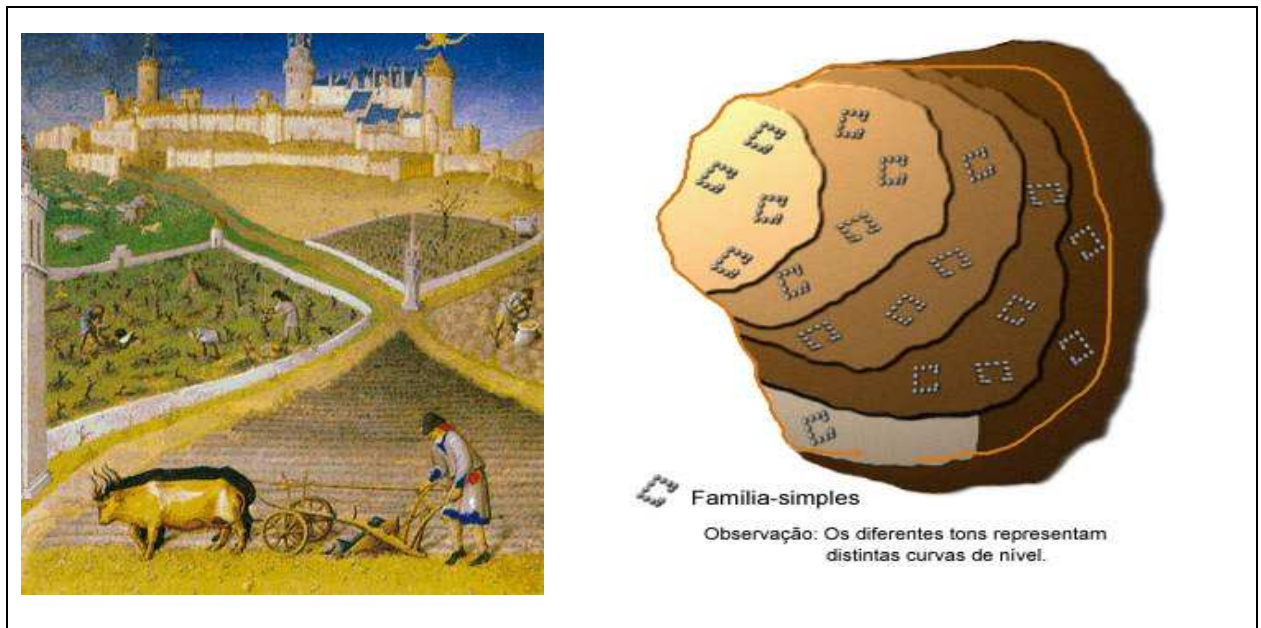


Figura 13 – O Feudo *versus* O Ayllu

Fonte: O domínio senhorial e os mosteiros, 2009. [sol.sapo.pt/blogs/olindagil/archive/2009/05/0...](http://sol.sapo.pt/blogs/olindagil/archive/2009/05/0...)

Fonte: O *Tahuantinsuyo* – Estado Imperial, 1997. [www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap06.htm](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html/cap06.htm)

A ocupação da terra no Império Inca tinha como ponto de partida o *Ayllu*, base da organização social e econômica. A aristocracia recebia as melhores terras, cultivadas pelas classes mais baixas. É importante observar as relações feudo-vassálicas também existentes na civilização Inca. Estas, estavam intrinsecamente ligadas as classes sociais, assim como na sociedade européia feudal.

### 4.3 As Pirâmides Sociais e a Estratificação das Classes

A sociedade feudal era composta por duas classes sociais básicas: senhores e servos. A estrutura social praticamente não permitia mobilidade, sendo que, a condição de um indivíduo era determinada pelo nascimento, ou seja, quem nascia servo seria sempre servo.

O trabalho, o esforço, a competência eram características que não podiam alterar a condição social de um homem. O senhor era o proprietário dos meios de produção, enquanto os servos representavam a grande massa de camponeses que produziam a riqueza social. Já o clero possuía grande importância no mundo feudal, cumprindo um papel específico do poder atemporal, de formação social, moral e ideológica. Papel este, papel do definido pela hierarquia da Igreja, pelo Alto Clero, formado por membros da nobreza feudal, e o Baixo Clero pela população servil.

A estratificação social da Civilização Inca obedecia a uma rígida hierarquia. O inca (imperador), venerado pelo povo como filho do Sol, exercia o poder supremo e era o chefe temporal e religioso do povo. Para preservar a pureza da dinastia, casava-se com a irmã mais velha, embora lhe fosse facultado manter várias concubinas, e o império transmitia-se a um filho legítimo, não necessariamente o primogênito. A aristocracia, composta de membros da família do imperador, ocupava os altos cargos do império e possuía as melhores terras. O segmento social imediatamente inferior era o dos curacas, ou chefes locais. A escala hierárquica prosseguia com os *hatum runa* (agricultores e artesãos), que cultivavam as próprias terras. O trabalho obrigatório constituía seu tributo ao estado. Os *yanaconas*, ou servos, formavam a camada social mais baixa. (FREITAS, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, 1997)

As comparações entre as duas sociedades tornam-se obrigatórias, pois eram estruturas complexas com hierarquias bem definidas que legitimam a economia de seus territórios e de uma similaridade impressionante com origens e culturas díspares que começam em momentos diferentes e muito separados geograficamente. Desde o Rei ou Imperador, que tem a ligação com o divino, passando pelos nobres ou religiosos, classes que têm as benesses dos soberanos, até a submissão e as relações de trabalho pelos servos, as estruturas equivalem-se, o que pode ter sido preponderante para a dominação espanhola, já que a leitura realizada da Civilização Inca lhes era familiar.

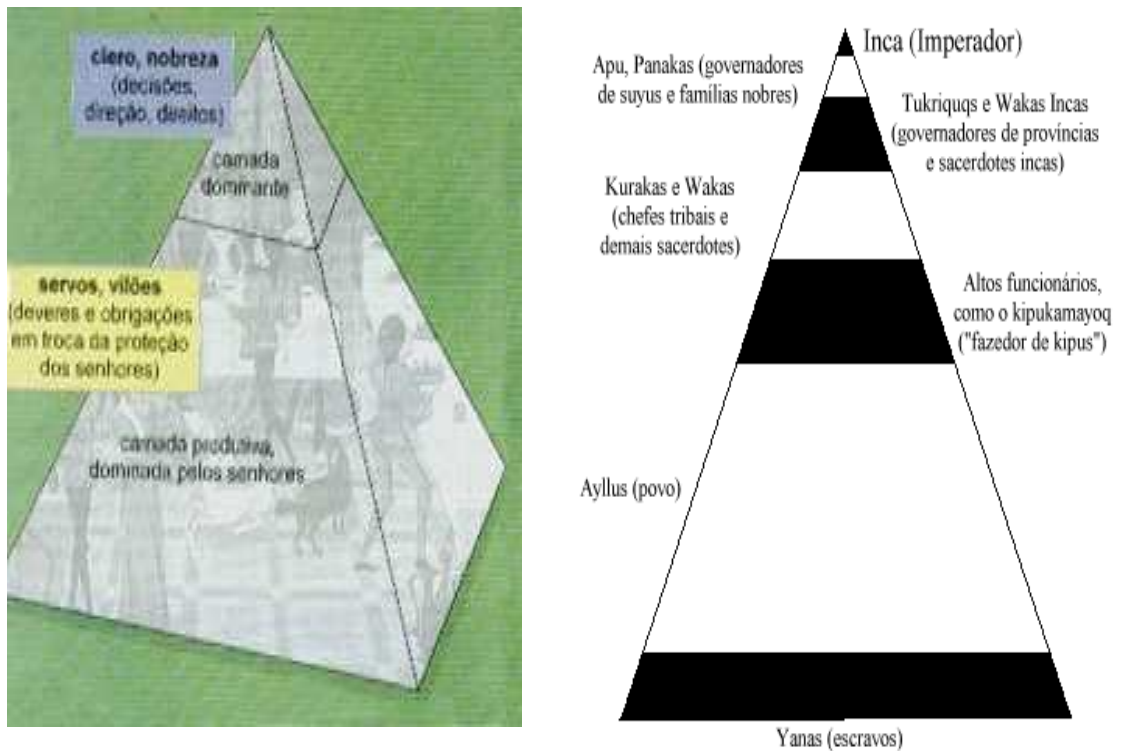


Figura 14 - Estrutura social - Europa feudal x Império Inca

Fonte: Fonte: Tawantinsuyu: O Império Inca, 2001. Disponível em [www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html](http://www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html)

Fonte: A Idade Média, 2009. Disponível em [www.novahistorianet.blogspot.com](http://www.novahistorianet.blogspot.com)

#### 4.4 Os Tributos na Europa

Na Europa da Idade Média as principais obrigações dos servos consistiam na **Corvéia**. Esta obrigação correspondia ao pagamento através de serviços prestados nas terras ou instalações do senhor feudal. De 3 a 4 dias por semana, o servo era obrigado a cumprir diversos trabalhos como, por exemplo, fazer a manutenção do castelo, construir um muro, limpar o fosso do castelo, limpar o moinho, etc. Podia também realizar trabalhos de plantio e colheita no manso senhorial (parte das terras do feudo de uso exclusivo do senhor feudal).





Figura 15 – Representação alegórica do fardo do imposto

Fonte: A revolução Francesa, 2007. Disponível em [www.8c2007.wordpress.com](http://www.8c2007.wordpress.com)

**Talha** Era uma obrigação pela qual o servo deveria passar, para o senhor feudal, metade de tudo que produzia nas terras que ocupava no feudo. Se colhesse 20 quilos de batata, 10 quilos deveriam ser separados para o pagamento da talha.

**Banalidades** Esta obrigação correspondia ao pagamento pela utilização das instalações do castelo. Se o servo precisasse usar o moinho ou o forno, deveria pagar uma taxa em mercadoria para o senhor feudal.

Ainda existiam os impostos de **capitação** que era o imposto pago por cada servo individualmente, o **tostão de Pedro** o imposto pago para manter a capela e a **mão-morta** o imposto pago sobre herança.

## 4.5 A Mita e a Encomienda

A *mita* foi uma forma de trabalho indígena compulsório utilizada na América hispânica à época colonial. De origem inca, herdado pelos espanhóis, tornou-se a *encomienda* geralmente era utilizado nas minas e nas grandes propriedades, particularmente nas regiões do Peru e do Alto Peru. As condições de trabalho eram terríveis, existindo muitas doenças pulmonares devido ao ar poluído e úmido. Eles não tinham casa enquanto trabalhavam nas minas, dormiam ali mesmo, no terreno da mina. O tempo de trabalho desde o sorteio era de cerca de 4 meses, pois depois desse tempo o organismo não aguentava mais tanto esforço. Logo, depois desse período, os índios retornavam para suas casas. Nesta modalidade de trabalho o salário era irrisório e os índios eram escolhidos por sorteio. Com esse salário, tinham de comprar comida ali mesmo com um vendedor na mina.

Como o salário era muito baixo, os índios ainda ficavam devendo dinheiro ao proprietário. Esse regime era pior que a escravidão, pois eles não ganhavam comida nem casa e ainda ficavam devendo dinheiro. Os "mytaios", como eram chamados aqueles que eram recrutados (geralmente índios) eram pagos e durante um certo período, não podiam abandonar o trabalho a não ser que tivessem folga autorizada. Os mytaios eram forçados a percorrer quilômetros e a trabalhar arduamente na extração mineral, principal atividade econômica na América Espanhola.



Figura 16 – A *Mita* – diversos tipos de trabalho eram executados.

Fonte: *Arquitectura y Sociedad Inca en el periodo clásico*, 1998. Disponível em [www.rincondelvago.com/arquitectura-y-sociedad](http://www.rincondelvago.com/arquitectura-y-sociedad)

A *mita*, oriunda dos tempos pré colombianos, Era o labor compulsório que os índios eventualmente deviam realizar em certas circunstâncias, similar à corvéia, o trabalho gratuito que o servo medieval devia prestar ao seu senhor, como um espécie de serviço militar obrigatório. Em geral os nativos eram mobilizados para abrir uma estrada, consertar as ruas ou erguer um prédio público, sem que recebessem qualquer remuneração para tal. Mas os espanhóis transformaram a *mita* numa servidão. Especialmente depois da descoberta das minas do Potosí, em 1545, coube aos caciques convocarem nas aldeias os índios que lá eram obrigados a minerar por um ano. Sendo que as despesa da viagem e da manutenção ficavam por conta do dono. Obrigação que nem sempre era praticada, dando margem a atos de desconformidade e rebeldia. Em 1574 o vice-rei do Peru, Francisco de Toledo, fixou as 16 províncias *mitayas* que deveriam contribuir com mão-de-obra para trabalharem a quase quatro mil metros de altitude, oficializando assim a prática do trabalho servil. (O Processo Econômico e a Origem da Escravidão na América,2006. Disponível em [www.webartigos.com/articles](http://www.webartigos.com/articles), acesso em junho 2010)

A primeira lei da *encomienda* foi ordenada pela rainha Isabel, em 1503, que afirmava o ajuste legal de obrigação para o trabalho indígena, desde que "livres e não sujeitos à escravidão". Em geral os funcionários da Coroa na América recorriam ao *repartimiento*<sup>9</sup>, que lhes dava direito a dispor da força de trabalho de um grupo de índios (ao redor de 200) como uma maneira de suplementar seus salários. Como ocorreram evidentes abusos, que se somaram à campanha do padre Las Casas em favor dos nativos, optou-se por uma solução intermediária. A partir de 1536, ao invés de ceder sua força de trabalho, as comunidades indígenas passaram a ser obrigadas a dar um tributo (em forma de artesanato, víveres ou metal precioso) ao *encomiendero*. Quem se encarregava de arrecadá-la era o cacique (que no Peru chamava-se *curaca*). (A Submissão dos Indígenas, . Disponível em [www.educaterra.terra.com.br/voltaire](http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire), acesso em junho de 2010.

A Encomienda era uma instituição responsável por autorizar colonos a explorar a mão-de-obra de uma ou mais comunidades indígenas, ou seja, era praticamente uma maneira "formal" de explorar o trabalho indígenas.

---

<sup>9</sup> O *repartimiento* criou uma nova forma de utilização de trabalho forçado do índio pelo espanhol, a repartição dos índios, que se tornou o principal mecanismo de controle duradouro dos índios, o instrumento através do qual foram finalmente conquistadas e assegurada a sua sujeição, exploração e sua posição de inferioridade.

O trabalho compulsório indígena era realizado nas zonas rurais, no qual a força de trabalho era trocada pela catequese. Devemos lembrar que naquela época a forma de trabalho escravo era proibida pela Igreja (para os não-negros). Ao receberem ensinamentos religiosos, a Igreja se contentava e dizia que eles estariam ganhando a catequese em troca de seu trabalho. Outro fato importante era que os índios não queriam ser evangelizados. Foi realizada principalmente na Colonização espanhola das Américas nos impérios Inca e Asteca, onde a oferta de mão-de-obra era maior e antes de ser substituída pela mita.

A *encomienda* também serviu como centro de aculturação e de evangelização obrigatória. Os indígenas eram reagrupados pelos *encomenderos*, os povos chamados "doctrinas", onde deviam trabalhar e receber o ensino da doutrina cristã a cargo geralmente de religiosos pertencentes a ordens regulares. Os indígenas deviam encarregar-se também da manutenção dos religiosos.

A "encomienda", em uma definição mais simples, era a entrega de um lote de indígenas sob a guarda de um fazendeiro, que era encarregado de protegê-los e pagar seus impostos à Coroa, que os usava como mão-de-obra.

As constantes denúncias frente aos maltratos dos indígenas por parte dos *encomenderos* e o advento da chamada catástrofe demográfica da população indígena, provocaram a crise da *encomienda* desde finais do século XVII, mas em alguns lugares chegou a sobreviver até o século XVIII. A *encomienda* foi sendo substituída por um sistema de escravidão aberta de pessoas sequestradas na África e levadas forçosamente para a América. A exploração do indígena na América espanhola se iniciou com a *encomienda*.

## 4.6 Os Metais Preciosos da América e a Europa Mercantilista

São inegáveis os reflexos e interferências dos metais preciosos na evolução das economias modernas. A oscilação dos seus valores sobre a atividade dos povos, sobre a formação das crises e seus efeitos sociais.

Ao estudarmos a Civilização Inca, cabalmente, não encontramos nos metais preciosos, um produto de valia que tenha servido como instrumento monetário. As sociedades mais avançadas sabiam de longa data que os metais preciosos possuíam características necessárias para servirem de moeda, ou seja: inalterabilidade, divisibilidade, facilidade de cunhagem, resistência ao desgaste, etc.

Na economia feudal e de consumo imediato predominava a servidão da gleba e o escambo direto, ainda assim, entre muitos povos, a posse, de gado e os metais preciosos era observada como segurança para os períodos de fome, seja para alimentação ou para troca.

Supõe-se que, com a destruição do Império Romano, houve o desaparecimento paulatino de 450 milhões de libras de ouro e prata, restando apenas 50 milhões de libras circulando na Europa em fins do século XV. As correntes comerciais entre Oriente e Ocidente, após as cruzadas, promoveram um escoamento contínuo de moedas, uma vez que a Europa não produzia artigos de valor para trocar com produtos orientais. Por toda a Europa, várias minas foram exploradas na Idade Média, tendo, o produto dessa mineração, grande influência nas relações comerciais. (SIMONSEN– História Econômica do Brasil 1500 – 1820, 2005 – volume 34).

De qualquer modo, a produção de metais preciosos, já sabia-se, seria insuficiente para enfrentar a expansão comercial que estava por vir. Caracterizam a valorização da posse de ouro e prata, a insuficiência de atividade industrial e as manifestações do renascimento europeu, no qual a burguesia, enriquecida com o comércio, estava presa a valores da Igreja e da Nobreza medievais; para contestá-los e difundir seus valores, mercadores e banqueiros, burgueses em geral, promoveram um estilo de Artes, Letras, Religião e Ciências mais de acordo com suas concepções racionalistas, antropocêntricas. O aspecto econômico, em última instância, é fator determinante onde são enfatizados os interesses mercantis da burguesia em ascensão. A busca frenética pelos metais preciosos atinge seu ponto culminante com o Mercantilismo. O mesmo anseio por ouro dominou os conquistadores espanhóis nas Índias Ocidentais, que detectada a sua

presença, fez com que fosse buscado com violência desde as primeiras expedições. Os metais preciosos que começaram a chegar a Europa por volta de 1500, mantiveram até meados do século XIX, um fluxo crescente de absorção, tanto das América quanto da África.

PRODUÇÃO DE METAIS PRECIOSOS NA AMÉRICA - 1492 A 1800*	
*produção média anual em libras	
De 1492 a 1500	60.000
De 1500 a 1545	700.000
De 1545 a 1600	2.500.000
De 1600 a 1700	3.600.000
De 1700 a 1750	5.000.000
De 1750 a 1800	8.000.000

Tabela 01 - PRODUÇÃO DE METAIS PRECIOSOS NA AMÉRICA - 1492 A 1800\*  
 fonte: Humbolt - *Essai Politique de la Nouvelle Espagne*, 1881

Nota: 1 arroba = 14,69 quilogramas no Brasil Colonial e Portugal, mas na região de Aragão, na Espanha de Fernando e Isabel, a arroba equivalia a 36 libras (12,5 kg)

Avalia-se que, desde a ocupação do continente em 1492 até 1510, somadas as quantidades de ouro e prata obtidas em todas as possessões espanholas nas Américas, tenham alcançado cerca de 6 milhões de libras. Mas é a partir de 1545 que começa a grande exportação de metais preciosos da América para a Europa, com a descoberta das minas do Cerro do Potosi nas cordilheiras do Peru, coração do Império Inca. Durante um século e meio a Europa recebeu aproximadamente (390.000.000) trezentos e noventa milhões de libras em metais preciosos. Mais de 9/10 dos metais preciosos que afluíram aos mercados europeus, era proveniente de possessões hispano-portuguesas no continente americano. A avaliação da produção total de metais preciosos nas colônias portuguesas e espanholas entre 1493 e 1803, era de 1.300.000.000 de libras das quais 1.000.000.000 de libras em prata e 300.000.000 de libras em ouro. A produção registrada de origem espanhola seria de 920.000.000 de libras, representando 186.000.000 de libras de contrabando, com um total de 1.106.000.000 de libras. Para o século XVI, eram quantidades

elevadas em relação aos estoques existentes. (SIMONSEN– História Econômica do Brasil 1500 – 1820, 2005 – volume 34)

Table. Gold and Silver Shipments from the Americas to Europe, 1500–1800 (metric tons)		
Years	Gold	Silver
1500-1600	150	7500
1600–1700	158	26168
1700–1800	1400	39157
Total 1500–1800	1708	72825

Tabela 02 – Ouro e Prata embarcados da América para a Europa, 1500/1800  
Fonte: MADDISON, Angus - The World Economy - a Millennial

Perspective

Um a das questões a serem colocadas é se, o grande afluxo dos metais preciosos americanos à Europa, modificou a conjuntura européia? É certo que não foi o motor da economia européia, essencialmente não-monetária. É certo também que, deu novo fôlego ao Velho Continente pré-mercantilista modificando a tendência dos preços, especialmente na Península Ibérica. Tão importante quanto às especiarias, os metais preciosos tiveram papel preponderante nas mudanças verificadas a partir do século XVI na longa evolução demográfica, agrícola, técnica, e da indústria, etc. Ao sair da estagnação econômica no século XV, os países europeus desenvolveram conceitos e técnicas de câmbio e crédito como atividades financeiras. A tendência da economia do século XVI estava assim determinada pela dinâmica econômica acompanhada pela maior circulação de moedas.

Até a descobertas das minas do Cerro de Potosi, a circulação monetária provavelmente não alcançava 80.000.000 de libras, posteriormente os estoques foram crescendo a razão de 2.500.000 libras anuais. A Europa tinha uma concentração populacional em áreas bem determinadas, dificuldade nos transportes, baixos estoques de artigos produzidos, ou seja, uma economia de consumo imediato e local onde começava a despontar algum excedente. Iniciava-se a revolução comercial, a revolução dos preços e a especulação num momento que ainda não havia a divisão do trabalho e a produção com finalidade comercial. Os preços subiram astronomicamente na Espanha, que não tinha base econômica para prender em seu território a alta

circulação metálica. Criou-se na Espanha um padrão de vida elevadíssimo, onde grandes importações traziam o luxo e levavam em pagamento os metais preciosos americanos. A busca pelo conforto e riqueza, em desacordo com a produção agrícola, artesanal e industrial, incentivou o abandono do trabalho produtivo em troca da busca dos metais da América. Com a atividade produtiva parada, a Espanha tornou-se dependente do exterior, condenando sua economia ao atraso. Era mais vantajoso esperar pelas riquezas da América que produzi-las dentro do país. (VILAR - Ouro e Moeda na História (1450-1920) –1981)

Particularmente, do ouro e da prata que chegam à Espanha,  $\frac{1}{4}$  chegava diretamente às mãos do rei; os outros  $\frac{3}{4}$  eram direcionados para particulares. Essa parte do rei, necessariamente, já estava comprometida com o pagamento de empréstimos internacionais, em função das dívidas do soberano na Europa. A parte dos particulares tinha sua importância para a Espanha porque permanecia no país, contribuindo para a geração de empregos, o que permitia que as riquezas da América alcançassem as camadas populares, promovendo um relativo enriquecimento. Havia a exigência de os pagamentos de dívidas serem cumpridos em moeda metálica. Isso provocava uma saída de metais do país. A essa saída o Estado tentava redimir com uma maior entrada. Na falta de recursos para investir em exploração, seja das minas na América (ou qualquer outra empresa americana), seja das possibilidades internas de retorno econômico, o Estado sublocava seus monopólios ou direitos sobre tributações através de um sistema de *asientos*<sup>10</sup>. Em geral, os concessionários eram banqueiros, financistas, únicos capazes de correr grandes riscos; esses riscos, porém, é que justificavam os grandes lucros que obtêm. (VILAR - Ouro e Moeda na História (1450-1920) –1981)

Na Espanha, a chegada de metal americano contribuiu para a subida dos preços, e estes por muito tempo foram suportados porque houve um enriquecimento, não daqueles diretamente ligados às transações coloniais como também do camponês, sobre o qual recaía a carga de impostos. Subentende-se que os tesouros da América penetraram fundo na vida espanhola, principalmente castelhana. As remessas de prata que chegavam a Sevilha e a movimentação financeira não resolviam o problema das dívidas espanholas.

As quantidades de metais preciosos das Américas que desembarcaram na Europa, foram tamanhas que contribuíram para a diminuição de seu valor real. As modificações das condições

---

<sup>10</sup> O '*asiento*' destinava-se basicamente ao comércio de escravos, mas podia abranger outras '*mercadorias*'. O regime era o do contrato de concessão do exclusivo a um indivíduo ou a uma companhia a troco de uma renda fixa, tendo o '*asientista*', na área concessionada, poderes semelhantes ao da Coroa. A palavra é espanhola (o '*asiento*' é uma criação espanhola, mas no período filipino foram concedidos '*asientos*' no Brasil).



americanas da produção de metais, se por um lado contribuíram para forjar um sistema econômico americano, por outro, pela abundância, proporcionaram a decadência progressiva de valor, gerando um estado de opulência e dependência.

Durante as três primeiras décadas do século XVI, exportou-se exclusivamente ouro, sendo rapidamente superado em volume pela prata. Ainda assim, o ouro não perdeu sua importância em valor (vale 10 vezes mais que a prata). A abundância de prata contribuiu para a valorização do ouro na Europa, mas certamente as condições de produção deste na América também influenciaram seu valor. Sabe-se que durante os três séculos das colônias americanas, 44% dos metais preciosos produzidos para Castela, eram provenientes do Império Inca, das regiões hoje conhecidas como Peru e Bolívia.

A produção de metais preciosos a partir da Civilização Inca não foi o gatilho disparador da nova dinâmica econômica da Europa, mas podemos afirmar com certeza que, baseado em suas reservas de ouro e prata, as quais a Coroa Espanhola lançou mão avidamente, ajudou o Velho Mundo a caminhar na direção de práticas pré-capitalistas.

Por fim, também é importante salientar que uma boa parcela dos metais preciosos produzidos na América, foram reinvestidos nas possessões coloniais.

## 5 Considerações Finais

A justificação lógica de tamanha expansão dos Incas era semelhante à dos espanhóis: através da dominação fortalecer e enriquecer o Império e, se possível, levar a civilização aos povos que viviam na barbárie. A conquista espanhola nos Andes Centrais, foi beneficiada pela estrutura civilizatória existente, comportamento bélico quase nulo dos nativos e confronto de visões do cosmos distintos. A julgar pelo modo como os Incas incorporaram uma extensão tão vasta de território, estão muito próximos das estratégias utilizadas pelos conquistadores espanhóis. Os Incas utilizaram as estruturas existentes para dominar as diversas tribos locais, pois quando chegaram aos Andes, a estrutura base de convivência recíproca, o *Ayllu*, já era uma realidade. Esta foi utilizada e adaptada para amalgamar o que se tornaria um Império, através do sistema redistributivo. Da mesma forma os espanhóis usaram a estrutura social e infra-estrutura existente para sedimentar as bases do que viria ser a colônia, através da *Mita*, igualmente utilizada e adaptada para transformar-se em *Encomienda*. A civilização Inca não foi uma teocracia do regadio, antes uma sociedade com intrincada rede de valores e prioridades e, assim como a Espanha, o Império Inca estava estruturado por domínios regionais que respondiam a um soberano.

Não podemos avaliar em que patamar de desenvolvimento o Império Inca estava situado quando da dominação espanhola, uma vez que com o jugo espanhol houve a quebra do equilíbrio social. Afetada a estrutura social, e por conseguinte, a administrativa, aconteceu o rompimento das relações da divisão de trabalho, desde sua célula de origem, os *ayllu*, até a expropriação da *Mita*, transformada em *Encomienda*. Dessa maneira, foram afetados irremediavelmente os sistemas de reciprocidade e de redistribuição, base da economia do Império Inca, e, tão ou mais importante, foram afetadas as relações que sustentavam o vasto território sob domínio Inca. Antes de chegar a América do Sul, os espanhóis já haviam travado contato e se estabelecido no México e nas Antilhas, antes disso na África, o que de certa maneira, serviu de aprendizado para estabelecer relações com as populações nativas tirando proveito naquilo do que a ignorância dos invadidos não compreendia, como também assimilar e se apossar dos processos sociais e de dominação local, facilitando desta maneira a legitimidade do invasor ao ocupar seus territórios e reivindicar sua posse. Além do mais, estes processos de intervenção exógena trazem junto com a

expropriação de bens materiais, na maioria das vezes, a aculturação da sociedade local e como se não bastasse, a superioridade bélica e o trabalho forçado pela escravidão, uma outra arma bem mais silenciosa atuou de modo silencioso mas eficaz: as doenças que dizimaram boa parte da população nativa na América, contribuíram sobremaneira para o desaparecimento dessas sociedades levando, como no caso do Império Inca, ao colapso civilizatório.

Mas há outro aspecto igualmente importante, onde os Incas são partícipes fundamentais: em 1776, Adam Smith afirmou que o descobrimento da América, juntamente com o caminho para as Índias Orientais, são as maiores e mais importantes conquistas na história da humanidade. (SMITH – *The Wealth of Nations*, 2003)

Apesar de talvez exagerada, esta afirmação demonstra a importância dos reflexos provocados pelas descobertas. Este processo alterou de maneira irreversível os desígnios da economia européia e deu origem ao capitalismo moderno. Após a descoberta da América e os primeiros anos de dominação, onde a economia extrativa dos espanhóis era ainda incipiente, e dada a importância dos domínios conquistados pela suas riquezas e pela geografia estratégica de acesso ao oriente, a Coroa de Espanha viu-se obrigada a investir em um processo colonizador capaz de garantir a posse da terra e manter fluindo para seus cofres, os metais preciosos tão necessários para fazer frente às necessidades da economia interna.

Por ano, a Espanha chegou a trazer até mais de 200 toneladas de prata e 150 toneladas de ouro, garantindo-se apenas no estoque e não na produção. De fato, os espanhóis queriam utilizar os metais que possuíam em abundância para importar os produtos que achavam necessários dos países europeus. O excesso de metal na Europa gerou uma queda do valor de exportação dos metais no século XV, gerando a inflação. Esse processo ficou conhecido historicamente como “Revolução dos Preços”. A partir deste momento, todo o comércio de mercadoria entre países tinha um preço definido. Entretanto, ele poderia ser reduzido ou aumentado conforme as condições de cada nação. Por exemplo, se um país tinha mão-de-obra escassa para fabricar o tecido, seu preço aumentava, pois o produto necessitava atingir a demanda interna e externa. Apesar de deterem o monopólio do minério extraído de suas colônias americanas, Espanha e Portugal tiveram que reduzir a circulação de metais preciosos como moeda e defenderam o entesouramento de seus metais, para que não tivesse prejuízos econômicos. (VILAR - *Ouro e Moeda na História (1450-1920)* –1981)

Em que pese a importância dos reflexos da conquista espanhola na transição da Idade Média para a Idade Moderna, revestiu-se de maior importância a descoberta de uma civilização complexa e de práticas econômicas apuradas.

Por fim, mas não por último, o Império Inca, ao congregar as mais diversas culturas durante a sua expansão, sofisticou o substrato social e paulatinamente caminhou em direção às civilizações superiores, que além do crescimento territorial, sustentou o desenvolvimento das regiões conquistadas.

## Referências:

CARDOSO, CIRO FLAMARION e BRIGNOLI, HÉCTOR PÉREZ – História Econômica da América Latina – Editora Graal – 1ª edição (1983)

D'ALTROY, TERENCE N.; HASTORF, CRISTINE A. - Empire and domestic economy – Library of Congress (2001) – livro virtual.

FREIRE, Pedro Ribeiro,. *O soldado Pedro de Cieza de Leon e o Império Incaico*;

FREITAS, Luiz Carlos Teixeira de, Tahuantinsuyo, O Estado Imperial Inca, 1997,LUZcom multimakers Divisão Cultural

GONNARD, Rene - Historia de las doctrinas de la poblacion — Editorial América – México (1945)

HAMILTON, Eear J. – El Florecimiento Del Capitalismo – Alianza Editorial S.A., Madrid, 1984.  
HUGON, Paul – História das Doutrinas Econômicas – Editora Atlas , 6ª edição (1959).

HUNT, E. K. – História do Pensamento Econômico, Uma Perspectiva Crítica – Editora Campus, 2ª Edição (1984).

MADDISON, Angus - Contours of the World Economy and the Art of Macro-measurement 1500-2001 - Ruggles Lecture, IARIW 28th General Conference, Cork, Ireland August 2004

MADDISON, Angus - Economic Epochs And Their Interpretation - *Phases of Capitalist Development*, Oxford University Press, 1982.

PINSKI, Jaime (organizador) – História da América Através de Textos – Editora Contexto – 10ª edição (2010) Rio de janeiro : Editora da Universidade do Estado do Rio de janeiro, 2000.

SERRA NEGRA, Carlos Alberto & SERRA NEGRA, Elizabete Marinho - Contabilidade no Império do Sol – Contab. Vista & Ver., Belo Horizonte, vol. 13 nº 3 p. 105 – 126, dezembro de 2002

SIMONSEN C, Roberto – História Econômica do Brasil 1500 – 1820, Editora do Senado Federal, 2005 – volume 34.

SMITH, Adam – *The Wealth of Nations*, Bantan Books, 2003

VILAR, Pierre - Ouro e Moeda na História (1450-1920) – Editora Paz e Terra (1981)

### **Sítios pesquisados:**

[www.turisperu.hpg.ig.com.br/historia.html](http://www.turisperu.hpg.ig.com.br/historia.html)  
[www.luzcom.com.br/inca/livro/html](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html)  
[www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html](http://www.klepsidra.net/tawantinsuyu.html)  
[www.sohistoria.com.br/ef2/incas](http://www.sohistoria.com.br/ef2/incas)  
[www.historia-da-argentina.blogspot.com](http://www.historia-da-argentina.blogspot.com)  
[www.kalipedia.com/historia-ecuador](http://www.kalipedia.com/historia-ecuador)  
[www.aquibolivia.org/spip.php?article24](http://www.aquibolivia.org/spip.php?article24)  
[www.visionvox.com.br/biblioteca](http://www.visionvox.com.br/biblioteca)  
[www..zurcir.blogspot.com](http://www..zurcir.blogspot.com)  
[www.inkas.com](http://www.inkas.com)  
[www.novahistorianet.blogspot.com](http://www.novahistorianet.blogspot.com)  
[www.8c2007.wordpress.com](http://www.8c2007.wordpress.com)  
[www..rincondelvago.com/arquitectura-y-socieda](http://www..rincondelvago.com/arquitectura-y-socieda)  
[www.webartigos.com/articles](http://www.webartigos.com/articles)  
[www.educaterra.terra.com.br/voltaire](http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire)  
[www.historianet.com.br](http://www.historianet.com.br)

### **Referências Consultadas: (leituras de apoio)**

BETHELL, Leslie (organizador) – América Latina Colonial – Editora EDUSP – 2ª edição (1998).

CHASSOT, Attico - Uma ciência latino-americana anterior, a assim chamada Ciência Moderna - *Tellus*, ano 2, n. 3, p. 139-152, OUt.2002 Campo Grande –MS ( pesquisado na internet)

DE LEÓN, Pedro Cieza - *El señorío de los Incas*. Lima, IEP - Instituto de Estudios Peruanos, 1967(internet);

DE LEON, Pedro de Cieza - The Discovery and Conquest of Peru (Chronicles of the New World Encounter) – consulta virtual

DOZER, Donald Marquand – América Latina, Uma Perspectiva Histórica – Editora Globo, 2ª edição (1974).

FREIRE, Ribeiro - Pedro. *O soldado Pedro de Cieza de Leon e o Império Incaico*; Rio de Janeiro Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

FURTADO, Celso - *A economia latino-americana*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, em artigos pesquisados na (internet);

HUMBOLDT, Alexander von - *Essai Politique de la Nouvelle Espagne*, 1881

MACQUARRIE, Kim - The Last Days of the Incas – consulta virtual

MARTINS, Cristiane Bertazoni – O papel do “Dinheiro Primitivo” na Economia Inca – Dissertação de Mestrado em Arqueologia – São Paulo (2001).

MILLS, Kenneth TAYLOR, William B. GRAHAM, Sandra Lauderdale - Colonial Latin America: A Documentary History – First SR Book edition (2004)

MOSELEY, Michael E. - The Incas and Their Ancestors: The Archaeology of Peru - consulta virtual

RIBEIRO, Darcy - *As Américas e a civilização*, sobre. Artigos pesquisados (internet);

SORIANO, Waldemar E. - *Los Incas - Economía, sociedad y estado en la era del Tahuantinsuyo*, sobre. Artigos pesquisados (internet);

SPALDING, Karen - Huarochiri: An Andean Society Under Inca and Spanish Rule

VILLARIAS ROBLES, Juan Jose R. - El Sistema Económico Del Imperio Inca. Historia Crítica De Una Controversia - (1998), (Colección: Tierra Nueva e Cielo Nuevo nº 36) Materia: Historia ISBN: 84-000-7730-X